



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

L. = passagens para folhas a
unhas

T. = português

b. 1941 = lido e anotado

Extr. = lido, anotado e passagens
de todos os livros para
folhas a unhas

SANGUE LIMPO

DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS E PROLOGO

POR

Paula Eiro

Representado pela primeira vez no Theatro desta Cidade
a 2 de Dezembro de 1861

S. PAULO

TYPOGRAPHIA LITTERARIA

Rua do Imperador n. 12

1863

AO

EXM. SR. DR. ANTONIO JOAQUIM RIBAS

OFFERECE

O Autor

PREFACIO

Seja-me permittido escrever algumas linhas preliminares, não em favor da obra, pois como disse Madame de Stael, « um livro defende-se a si mesmo », nem para expender difficuldades inseparaveis de um ensaio em genero tão escabroso de litteratura, mas para manifestar o pensamento capital que presidio à confecção d'este drama.

Em principios do anno de 1859, o Conservatorio Dramatico Paulistano, tentando pôr em pratica uma idéa cheia de patriotismo, abriu um concurso litterario, destinando premios para o melhor drama original, revestido de moralidade, que tivesse por assumpto algum dos gloriosos episodios da historia de nossos pais. Apesar de minha fraqueza e obscuridade, propuz-me a entrar na liça, satisfeito de antemão com a idéa de ser vencido por engenhos nascidos no mesmo berço. Lançando um ligeiro olhar sobre o nosso passado, descubri sem grande custo o assumpto que desejava. E' com razão que Charles Ribeyrolles disse que a nossa historia tinha uma pagina, a da Independencia; e eu já pensava assim antes do talentoso proscripto francez. Sim, é do Ypiranga que data a nossa vida real; nunca se poderá chamar dia ao espaço que precede a aurora. Este assumpto porém, tão bello e tão nacional, traz consigo graves inconvenientes. O Illm. Sr. Dr. Paulo Antonio do Valle ennumerou-os todos em uma carta, publicada por esse mesmo tempo, e assignalou os perigos a que se expunha o escriptor incauto que ousasse apresentar na scena os vultos veneraveis e ainda palpitantes dos Andradas e do primeiro imperador. Concordando plenamente com a opinião desse illustrado Paulista, auctoridade em semelhantes materias, pareceu-me entretanto que a pintura fiel da época, afastadas as personagens principaes, teria ainda encanto bastante para prender os espectadores.

Achada a moldura, faltava delinear o quadro.

Todos sabem de que elementos heterogeneos se compõe a população brasileira, e os riscos imminentes que presagia essa falta de unidade. Não é sómente a differença do homem livre para o escravo; são as tres raças humanas que crescem no mesmo solo, simultaneamente e quasi sem se confundirem; são tres columnas symbolicas

que, ou hão de reunir-se, formando uma pyramide eterna, ou tombarão esmagando os operarios! Penso eu (e este pensamento parece-me digno de ser a divisa de todos aquelles que traballiam no magnifico edificio da arte nacional), penso eu que o presente deve ser preparador do futuro; e que é dever de quantos teem poder e intelligencia, qualquer que seja a sua vocação e o seu posto, do poeta tanto como do estadista, apagar essas raias odiosas, e combater os preconceitos iniquos que se oppoem à emancipação completa de todos os individuos nascidos nesta nobre terra. Essa grande revolução, infallivel porque é logica, triumphante porque é santa, não ha de ser contemplada pelos mais mancebos de hoje; restar-nos-ha porém a gloria de haver-lhe aplainado o caminho.

Não será dramatico desenrolar a velha bandeira do Ypiranga, e nella apontar como antithese monstruosa a nódoa negra da escravidão, verme nojoso que róe a flór de nossas liberdades? Não será dramatico mostrar o que fizeram nossos pais, e o que nós temos a fazer para coroar sua obra?

Foi possuido desta idéa que eu utilizei os bellos dias de Janeiro do anno passado, escrevendo o drama—SANGUE LIMPO. Encetando uma empreza que me parece de alta moralidade, e que outros completarão mais effcazmente, aggrei as preoccupações que existem contra os homens de cõr. Bem sei que a execução não está à par da idéa; balbuciei uma lingua nova para mim, e o meu enthusiasmo juvenil extravasou por vezes dos moldes frios e inflexiveis do drama moderno. Julgo porém haver attingido o meu fim. Só ao genio é dado começar pelo irreprehensivel.

Poetas, artistas, cultivadores do bello, semeadores incognitos do futuro, não esmoreçamos. Esta época vai rica de materialismo, de descrença e de ignominias politicas: mas um dia erguer-se-ha o sudario gelado desta nova Pompeja, e do cadaver só subsistirá o crâneo, séde da intelligencia!

1.º de Setembro de 1862.

PAULO EIRÓ.

PESSOAS DO DRAMA

D. JOSÉ DE SALDANHA

AYRES DE SALDANHA

RAPHAEL PROENÇA

VICTORINO

MENDONÇA

LIBERATO

BRAZ

1.º DESCONHECIDO

2.º DITO

UM MILITAR

UM CABO

LUIZA PROENÇA

ONISTALDA

POVO, SOLDADOS

**A acção passa-se na Cidade de S. Paulo, no anno de
1822, desde 25 de Agosto até 7 de Setembro.**

PROLOGO.

Páteo do Collegio, com vista da igreja ao fundo, e á direita o Palacio do Governo, cujas janellas devem estar illuminadas e com gente. Ao subir o panno uma banda de musica toca no centro da praça o hymno constitucional de 1820, findo o qual, das janellas de Palacio rompem vivas á Constituição, a el-rei D. João 6.º, ao principe regente e aos briosos Paulistas : o povo corresponde entusiasta, e circula pelo páteo ; n'este passeio prolongado travam-se os dialogos seguintes.

SCENA I.

D. JOSÉ E UM MILITAR.

D. JOSÉ.

Vêde ! O principe não podia ser mais ardentemente recebido e victoriado.

MILITAR.

E comtudo elle não quiz acceitar a guarda de honra que lhe preparavam !

D. JOSÉ.

Auras populares, ovações ephemeras ao homem que representa um pensamento, e que durarão até

que outro pensamento desça, como Moysés do monte, e faça em pedaços o idolo.

MILITAR.

Que importa o futuro? Ninguém conta com elle. Antes que passe a monção, terá Sua Alteza chegado a seus fins ambiciosos.

D. JOSÉ.

Culpa têm os que o impelliram em tal caminho. Não lhe sabiam da índole? D. Pedro de Alcantara não sabe receber ordens de quem quer que seja.

MILITAR.

Como vos enganais! A desobediencia do principe nunca teve por motivo o pundonôr offendido. Há muito que elle vive sonhando com uma corôa americana, de ouro, cravada de diamantes.

D. JOSÉ.

O que prova isso? Que só elle sabe differençar o falso do verdadeiro, e considera o futuro com olhos perscrutadores.—E entretanto parecia que a Providencia se propunha a renovar os destinos da velha Lusitania! Amigo, a mudança da côrte para o Novo Mundo era talvez a realização do unico meio de salvar Portugal. Quando a bandeira de Ourique esvoaçasse n'este immenso paiz, por onde se derramaria a superabundancia de nossa população, cujos productos encheriam nossos cofres, cujas florestas forneceriam o material para nossos estaleiros; quando chamássemos a este grande mercado as nações industriosas do mundo, estaria sa-

custo para sempre o jugo pesado, que nos impõe a Inglaterra, o cadaver da monarchia erguer-se-hia do túmulo em que dorme há tres seculos, e seriamos de novo senhores do Atlantico. E que murmurassem os filhos da Europa! que nos importava o egoismo de uma provincia remota? Lá só existiam as recordações gloriosas do passado; aqui porém estava a grandeza do futuro. Aqui... estava uma epopéa, não a das luctas estereis do Oriente, mas a das lides pacificas e dos fructos sazonados da civilização.—Os portuguezes rejeitaram esse brilhante destino. Fazia-lhes falta o docel da realza, o grupo matizado dos cortezaões! Estavam tão ermos os paços de Belém! Clamaram em altas vozes pelo seu monarcha esses vassallos zelosos: Dom João VI obedeceu-lhes e abandonou o Brazil. Desde esse dia está consummada irremissivelmente a separação. De hoje ávante o oceano rolará entre dous povos.

MILITAR.

Assim será, não duvido, mas o principe nem por isso deixa de ser.... (*Hesitando*)

D. JOSÉ.

O que ?

MILITAR.

Não o direi alto, que muitos curiosos nos cercam (*Afastam-se*).

SCENA II.

1.º E 2.º DESCONHECIDOS.

1.º DESCONHECIDO.

(*Em scena*) E' um heróe o nosso defensor perpetuo.

2.º DITO.

(*Idem*) E um heróe popular, meu caro reverendo.

1.º DITO.

Os nossos partidarios das côrtes é que estão se mordendo, mas procuram fazer boa cara. Menos susto lhes causou a vinda do Candido do que agora esta augusta visita.

2.º DITO.

Foi uma medida de politica bem perspicaz, e cuja utilidade já reconheceu o principe na sua viagem a Minas. Pena será que elle não saiba aproveitar-la. Os fructos estão maduros, porque não há de colhê-los ?

1.º DITO.

E onde melhor que em S. Paulo ? Mas o principe que tome as suas medidas antes que chegue o sabio Mentor que deve conduzi-lo ás côrtes da Europa, afim de aprimorar a sua educação.

2.º DITO.

Ah ! ah ! ah ! que vão esperando.

1.º DITO.

Olhem que a desconfiança torna bem tolos os homens, ainda que sejam deputados. (*Vão-se rindo*)

SCENA III.

RAPHAEL, LUIZA E VICTORINO, DESCENDO.

VICTORINO.

Meu Deos, como está bonito isto ! Que alvoroço ! Desde os tempos do conde de Palma, ou do marquez de Alegrete, que não vejo o povo contente como está hoje.

RAPHAEL.

O que o povo quer é festa.

VICTORINO.

Mas festa em que haja liberdade e não arrogancia e bazofias de magnates.

LUIZA.

Apreciem a variedade de gente que há. Aqui vê-se de tudo ; a baeta roça nas sedas, a farda das milicias encontra-se com o poncho dos caipiras ; olhem lá, ás direitas ! um negro esbarrando-se na batina de um padre. Nunca vi semelhante mistura de pobres

e ricos, de velhos e crianças. A cidade toda está aqui.

RAPHAEL.

Signal certo de que a alegria é geral.

VICTORINO.

Não é tanto assim. Gente da outra banda não vejo muitos, salvo algum negociante de jaqueta, raça de judeus, a quem o almotacé tem multado vinte vezes, e que tem por timbre servir tanto a Deus como ao diabo.

RAPHAEL.

Que fim levou a tia Onistalda ?

VICTORINO.

Cansou-se de navegar por este mar bravo, e foi dar fundo á porta da casa de fundição.

LUIZA.

Psiu ! Deixem-me ouvir a musica (*Intervallo de musica ; continúa o passeio e alguns vivas*).

SCENA IV.

D. JOSÉ E O MILITAR.

MILITAR, *continuando*.

Essa gloria era pura de mais para elle. Preferio revoltar-se contra a auctoridade paterna, e adular tendencias revolucionarias.

D. JOSÉ.

Basta. Não vos posso seguir a esse terreno : sou servidor do principe...

MILITAR.

Primeiro que tudo sômos portuguezes, bem que degenerados filhos dos heróes da India. Abata-se quem quizer ; eu não hei de *comer angú* para agradar espiritos revoltosos.

~~MILITAR.~~ *D. José*

Sentido ! Estais provocando um povo inteiro...

MILITAR, *desdenhoso.*

Se ouvísseis o que por ahí dizem !..

SCENA V.

OS MESMOS E AYRES.

AYRES.

Até que os encontrei.

D. JOSÉ.

És tu, Ayres ? Que andas fazendo ?

AYRES.

Passeio, meu pai, e divirto-me com o que vejo.

MILITAR, *jovialmente.*

E quaes são as bellezas que o encantam ?

AYRES, *no mesmo tom.*

As da natureza, meu coronel. São Paulo é um viveiro de moças bonitas, mas em compensação as velhas são horríveis.

D. JOSÉ, *rindo.*

E' o effeito dos contrastes.

SCENA VI.

OS MESMOS, RAPHAEL, LUIZA, E VICTORINO,
(EM ANGULOS OPPOSTOS DA SCENA).

LUIZA.

Que linda noite ! Até o céu pôz luminarias.

MILITAR, *a Ayres.*

Parece-me que sabe aproveitar os seus vinte annos. Ora, diga-me que tal lhe parece aquella trigueirinha, que alli vem acompanhada de dous figurões, um delles sargento de linha ? Falle : D. José lhe permite ser franco.

AYRES.

Essa de vestido branco, que está olhando agora para as janellas de palacio ?

MILITAR.

Essa mesma.

AYRES.

E' a segunda vez que a vejo...

MILITAR.

E que mais?... (*maliciosamente*).

AYRES.

E pela segunda vez confesso que é de rara perfeição.

MILITAR.

Rara perfeição! Isso é ser avarento de palavras. Olhe-a bem. Que corpo formoso e languido! que movimentos cheios de graça e de indolencia! Como o brilho de seus olhos é adormecido! parecem duas estrellas gemeas, em noite quente de verão.—Realmente é a mistura mais deliciosa da raça branca com o typo indiano.

D. JOSÉ.

Valha-nos Deus! Está-me parecendo que ídes fazer um estudo sobre as bellezas paulistanas.

MILITAR.

Estudo superficial. Deixo ao vosso Ayres o cuidado de aprofundal-o.

AYRES, *rindo*.

Ah! ah! ah! Coronel, qual de nós é o rapaz?

MILITAR.

O senhor, que duvida! Mas eu já o fui também. Hoje o meu coração é cinza, mas cinza que ainda conserva calor.

RAPHAËL, *âmado.*

Que nos quererão aquelles fidálgos, que tanto para nós olham ?

VICTORINO.

Para nós, não, para D. Luiza.

LUIZA, *côm vaidade.*

Deixa-los, não me hão de derreter.

AYRES.

Até já.

MILITAR.

Que vai fazer ?

AYRES.

Vou.... estudar. (*Segue de longe a Luiza : D. José e o Militar desapparecem por entre o povo*).

SCENA VII.

RAPHAEL, LUIZA E VICTORINO.

RAPHAEL.

Sabem o que eu desejava agora ? Era ser o príncipe. Queria sahir a furto do palacio, acotovellar desconhecido esta multidão, respirar o incenso da popularidade, ouvir meu nome repetido mil vezes, e formar um livro agradavel de todas estas palavras entrecortadas, de todas estas perguntas indiscretas, de todos estes vivas incessantes.

VICTORINO.

Seria o livro mais mentiroso que se tem escripto.

LUIZA.

Quem sabe! Já ouvi dizer que Sua Alteza gostava de passeiar incógnito como aquelle rei das *Mil e uma noites*.—Eu tãobem desejava, mas era saber se aquella condessa que lá vai coberta de seda e joias estará mais alegre e feliz que eu.

RAPHAEL.

Penso que não. A soberba é mãe da desgraça. O ouro é brilhante, mas não deixa de ser metal.

VICTORINO.

Pois eu, como já estou cansado do passeio, queria antes estar no theatro, ouvindo a Zacheli cantar algum duetto, ou assentado ao balcão de um botequim, a comer pasteis e bolos de arroz.

RAPHAEL.

Se querem voltar para casa....

LUIZA.

Que pressa! se ainda é tão cedo! Demos outro gyro pelo pateo e depois voltaremos.

RAFAEL.

Pois bem; fica passeiando com o Victorino, em quanto you comprar alguns doces para ti. Eu logo volto.

LUIZA.

Procure-nos aqui ; sim, mano ?

RAPHAEL.

Está dito. (*Vai-se : Ayres e o militar no fundo*).

VICTORINO.

Estou com medo que a tia Onistalda pegasse no somno ahí por algum canto.

LUIZA.

Lá começa a musica : vamos ouvil-a de mais perto. (*Afastam-se. Intervallo de musica*).

SCENA VIII.

1.º E 2.º DESCONHECIDOS, O MILITAR E DEPOIS
RAPHAEL.

1.º DESCONHECIDO.

Que noticias há de Lisboa ?

2.º DITO.

Más. Continúa a mesma obstinação dos portuguezes na guerra que fazem á emancipação brasileira. Esperam-se novos decretos repressivos. Os deputados paulistas têm-se assignalado na defeza dos nossos direitos. Antonio Carlos sobretudo faz lembrar os Regulos e Poppílios. Mas não é de qualquer d'esses nobres campeões que depende hoje a sorte do Bra-

sil. A hora da independencia está a soar, bate agora talvez ; mas sem um nome prestigioso que contenha as ambições, sem uma aguia possante que empunhe esse feixe de raios, tenho bem medo que a hydra da anarchia venha dilacerar-nos.

1.º DITO.

Assim é de temer. Não existem acaso as antipathias do provincialismo, origem de tantas dissensões ? Ficará o Brazil retalhado em republicas como está succedendo á America hespanhola : sem contar com os partidistas dedicados que Portugal conserva em algumas provincias.

2.º DITO.

Desses não me temo. Acho impossivel que o Brasil continúe unido á corôa portugueza. (*Ao Militar*) Não pensa assim, meu caro senhor ?

MILITAR.

Não vejo impossibilidade em uma união que existe há tão largo tempo.

RAPHAEL, *procurando alguém.*

Aonde foram elles ?

2.º DESCONHECIDO.

O estado actual é muito differente : lusos e brasileiros têm-se extremado.

MILITAR, *com escarneo.*

Sim... graças á vossa mistura de sangue.

RAPHAEL, *voltando-se vivamente.*

Chama-nos então.... mestiços ?

MILITAR.

Póde entender como quizer.

RAPHAEL.

Mestiços ! Ah ! meu bravo, a vós outros cabe metade da injuria. Tomai-a ! (*Animando-se*) Não vos envergonhais de lançar-nos em rosto as consequencias do crime por vós praticado ? Por vós, que tendes feito da America um pelourinho ? Por vós, que não podendo obrigar o indio a cultivar a terra de que o despojastes, ides procurar além dos mares servos mais obedientes e mais vis ?—Quaes serão os que, ainda não satisfeitos com a exploração infame dos sentimentos do amor e da paternidade, não desdenham fecundar o leito da escravidão ? Somos nós, de certo.—Sois generosos em demasia : não o achais, senhores ?

MILITAR.

Bravo ! Está fallando como um letrado.... mas não me admiro : parece-me interessado na causa que advoga com tanto calôr.

RAPHAEL, *sério e contendo-se.*

Basta de insolencias, senhor. Se o seu trajo não é um disfarce, dirijo-me a um militar ; eu trago também uma espada que ganhei na Cisplatina. Quer dar-me a honra de vir commigo ?

2.º DESCONHECIDO.

Mestiços a nós.... que insulto !

MILITAR.

Nunca recusei um desafio. Se bem que proposto por um inferior.... Vamos !

RAHAEL.

Tende a bondade de seguir-me. (*Vão-se*).

2.º DESCONHECIDO.

Que tal lhe parece esta ? (*Para o 1.º*).

1.º DITO.

As affrontas não me admiram. Estes lobos de boa vontade nos estrangulariam, se o seu poder chegasse a tanto.

UM HOMEM DO POVO.

Viva o nosso bravo sargento !

UMA MULHER.

Que fez elle ? Como se chama ?

O HOMEM.

Raphael Proença. E' meu conhecido, e acaba de desafiar um atrevido mata-mouros que estava a apouquentar-nos, á nós Brasileiros. Lá está se batendo, Deus o ajude.

A MULHER.

Oh meu Deus ! Vou já correndo contar isto á minha chará. (*Vai-se*).

1.º DESCONHECIDO.

Verá como a noticia espalha-se em pouco tempo por todo este povo.

2.º DITO.

Basta que as mulheres entrem nisso. (*Afastam-se. Vai-se levantando um borborinho no povo*).

SCENA IX.

LUIZA E VICTORINO.

LUIZA.

Paremos aqui : o mano não póde tardar.

VICTORINO.

São dez horas, e o povo cresce cada vez mais e fica desasocgado. Dizem cada mentira ! Uns fallam em recrutamento ; outros em levante dos portuguezes, inimigos do nosso principe, que Deos conserve por muitos annos....

LUIZA.

Cousas sem pé nem cabeça.

VICTORINO.

As cousas sem pés são as que andam mais, e as que perderam a cabeça mais presumem de ter inteirinho o miolo.—D. Luiza, está vendo aquelle sujeito pimpão, que ali passa com o chapéo amarrado e uma casaca do tempo de Martim Affonso ?

LUIZA.

Estou vendo. Quem é ?

VICTORINO.

Sem mais nem menos é aquelle a quem devo a honra de vir a este mundo, posto que por decencia chamem-me filho de pais incognitos. O que há muito nesta terra são pais de filhos incognitos, semeadores que não colhem. Este bom velho creio que nunca pensou na minha existencia, e eu deixo ficar a cousa assim, porque não desejo hãrdar o seu chapéu amarrotado, nem a sua casaca decrepita. (*Redobra o tumuto na multidão*).

SCENA X.

OS MESMOS E A MULHER DE HA POUCO.

LUIZA.

Olhe, Victorino, como o povo está amotinado. O que será aquillo ?

A MULHER.

Não sabe então, minha flôr ? Eu lhe conto. E' um desafio que houve entre um sargento....

VICTORINO.

Um sargento !

A MULHER.

Sim, é um guapo sargento, bravo como um leão.

Desafiou uma duzia de soldados, dos portuguezes, e lá estão malhando.

VICTORINO.

E como se chama elle?

A MULHER.

Ora, deixe-me lembrar.... Raphael Proença.

LUIZA, *atemorizada*.

Meu irmão!

A MULHER.

Ah! é seu irmão? Pois saiba que é um valente homem. Até logo: vou correndo contar isto ao meu compadre. (*Vai-se apressada*).

VICTORINO, *anciado*.

Espera um pouco, mulher. Conte-me onde elles estão.... (*Segue-a correndo ; grande reboição do povo*).

LUIZA.

Victorino, aonde vai? Não me deixe só, por piedade! (*Uma onda de povo envolve-a, cde*). Me acudam! (*Musica*).

SCENA XI.

LUIZA E AYRES.

Confusão. O povo afasta-se e deixa vêr Ayres, que traz Luiza desfallecida para o meio da scena. A agitação vai cessando gradualmente.

AYRES.

Oh meu Deus, quasi a suffocaram. Que linda cabeça! Vou conduzi-la para alguma casa, até que recobre os sentidos.

LUIZA, *tornando a si.*

És tu, Victorino?

AYRES.

Não, mas creia que é um amigo. Sente-se melhor, menina?

LUIZA, *confusa.*

Sim, já estou boa: deixe-me ir procurar meu irmão.

AYRES, *detendo-a.*

Bem vê que isso agora é impossivel; não se pôde atravessar a praça. Diga-me aonde fica a sua casa; para lá iremos, e em breve ter-se-há noticias.

LUIZA.

Mas deixa-lo em meio de tantos inimigos!

AYRES.

Está enganada ; eu estive presente ao desafio. O contrario de seu mano é um velho militar, um pouco teimoso, mas de excellente coração. Creio que se contentarão com cruzar as espadas.

LUIZA.

Ah ! senhor, Deus o encha de bençãos pelo que acaba de dizer-me ! já estou tranquilla. Deixe-me buscar uma pessoa conhecida com quem possa voltar á minha casa.

AYRES.

E porque não serei eu mesmo ?

LUIZA.

Não quero dar-lhe mais esse incommodo.

AYRES.

Eu lhe chamo felicidade. Aonde mora ?

LUIZA.

Rua da Cruz preta, em uma esquina.

AYRES, *batendo na testa.*

Louco que sou ! Hoje é o primeiro dia que passo nesta cidade ; não conheço ainda as ruas. Tome a senhora mesma o caminho, e eu a acompanharei. Aqui ^{eu} o meu braço ; firme-se nelle.

VICTORINO, *chegando.*

Dona Luiza, aqui estou.

LUIZA.

Ah, Victorino, não pensava que fosse assim ! A não ser.... este senhor, ficava eu hoje pisada por toda esta gente.

VICTORINO.

Agradeço muito a elle os seus favores, e peço perdão á senhora : mas quando ouvi fallar que o padrinho estava cercado de inimigos, não pude deixar de acudir.

LUIZA.

Encontrou-o ?

VICTORINO.

Sim. Houve intervenção da policia e tudo acabou por duas cutiladas.

*
AYRES.

Senhora, vejo que já não necessita do meu prestimo : bem a pesar meu, deixo a sua companhia. O que me consola é que, graças a esta noite, por algum tempo lembrar-se-há de mim.

LUIZA.

Como de um amigo generoso, a quem devo talvez a vida. Vamo-nos, Victorino. Deus o guarde, senhor, e o felicite pelo bem que me fez.

AYRES.

Felicitar-me !... ah ! bem o podia a senhora, sem recorrer a Deus ! (*Pausa. Luiza e Victorino partem*)

SCENA XII.

AYRES, só.

(Seguindo Luiza com os olhos). Rua da Cruz preta, em uma esquina.... Heide vê-la ainda uma vez. (Pensativo). E' tão formosa! (O movimento do povo tem cessado: a musica repete o hymno constitucional. Cae o panno).

FIM DO PROLOGO.

ACTO I

ENTREVISTA DE AMOR.

ACTO I.

Sala pequena em casa de Raphael Proença. Uma janella de postigo, á esquerda. Portas no fundo e á direita. Mobilia no gosto antigo, cadeiras forradas de couro, candieiro de cobre sobre o bufete.

SCENA I.

RAPHAEL, VICTORINO DE BRAÇOS CRUZADOS, LUIZA SENTADA NO VÃO DA JANELLA E ONISTALDA COM UMA CANDEIA NA MÃO.

RAPHAEL, afvellando o cinturão.

Então, tia Onistalda, que noticias nos dá da cêa ? Olhe, que eu tenho pressa de sahir !

ONISTALDA.

Tenha mais um bocado de paciencia, Inhôzinho, que a meza já está posta.—Ai ! eu não posso lidar tanto. Estou do meio dia para a tarde.

VICTORINO.

Tarde, diz ella ! Isso é cousa que já passou : vá

rezando as *Ave Marias*, tia Onistalda, que *vossuncê* já regula por ahí.

ONISTALDA.

Salta p'ra lá, tagarella ! eu te arrenego. Vim aqui dentro buscar.... não sei o que.... ah sim ! uma faca que deixei alli.

VICTORINO, *á parte*.

Tomei quezilia com esta mulher. Que figura ? Parece um sacco de pinhões.

ONISTALDA, *passando por Luiza*.

(*Em voz baixa*). Síu, nhanhã !... elle está ahí defronte.

RAPHAEL.

(*Pegando rapidamente no braço de Onistalda, que deixa cahir a candecia*) Como ! que está ahí dizendo, mulher ?

ONISTALDA, *a tremer*.

Ai ! pois *mecê* ouvio ?

RAPHAEL, *irado*.

Responda-me, se quer viver. Quem é esse *elle* ? Não me está ouvindo ?

LUIZA, *chegando-se*.

Mano !

RAPHAEL.

Com mil demonios ! O que ella te disse, Luiza ?

VICTORINO.

Ora, ora ! forte novidade ! Padrinho, quem está ahí é o preto aguadeiro.

ONISTALDA.

Sim, é elle mesmo.... o Luiz.... Veio buscar o dinheiro.... de dous barris.

VICTORINO, *á parte.*

Vá mais esta para o sacco !

RAPHAEL.

(Depois de alguns momentos de duvida). Então para que diabo são estes segredos ? *(Larga Onistalda que respira com ruido).* Paguem o que devermos ! não quero crédores.

ONISTALDA, *erguendo a candeia.*

Ah ! minha Nossa Senhora, que mão pesada !

RAPHAEL.

Vamos, marche para a cozinha, que é lá o seu lugar. *(A' parte).* Ai de quem me quizer enganar ! *(Onistalda sahé ; Luiza torna-se inquieta).*

SCENA II.

RAPHAEL, LUIZA E VICTORINO.

VICTORINO.

Pobre mulher ! Sahio vendendo azeite ás canadas.

RAPHAEL.

Vai-me fechar aquella janella, Luiza.—Póde bem ser que fizesse agora um juizo temerario, mas é certo que não me fio inteiramente d'esta mulher.... e nem aconselharei aos outros que se fiem.

VICTORINO.

Tem ao menos uma virtude, bem rara nos indios. Não bebe.

RAPHAEL.

Má virtude está essa em quem gosta de fabricar mexericos : não se descobrem com tanta facilidade. Mas vejam se tenho ou não razão de desconfiar. Hontem, á bocca da noite, voltando para casa, ví a tia Onistalda que da porta da rua estava a conversar com um individuo, que não pude reconhecer, por causa do capote em que estava embuçado. (*Luiza presta grande attenção*).

VICTORINO.

Talvez algum parente.... Ella os tem por toda parte.

RAPHAEL.

Não era, porque a tia Onistalda tractava-o por senhor. Uma suspeita instinctiva, que não pude vencer, fez-me parar na esquina. O embuçado parecia pedir alguma cousa que lhe era negada, até que tirando um objecto branco, que julgo ter sido uma carla, entregou-o á velha e desapareceu. Mostrei-me então. A tia Onistalda estava confusa.... eu não lhe disse palavra.... Confesso que envergonhei-me de patentear a minha espionagem. Pretendo dar-lhe

alguma gratificação e despedi-la brevemente, pois não preciso de correios em casa.

VICTORINO.

Isso não quer dizer nada. E' scisma sua, padrinho.

RAPHAEL.

Scisma?—Pois vão ouvindo. Hoje, ao levantar-me, fui direito á janella e abri-a. Por dentro do postigo, que casualmente ficára aberto, ví eu.... advinhem o que!... uma rosa branca. Linda flôr na verdade, mas seria fatuidade em mim acreditar que me era destinada.... como seria milagre ter brotado allí no espaço de uma noite.

VICTORINO.

Ahi está uma cousa bem galante. O padrinho a receber flôres! Isto não faz-lhe rir, D. Luiza?

RAPHAEL, *a Luiza.*

De que estás triste?

LUIZA, *a custo.*

De nada, mano.

RAPHAEL.

Tenho-te estranhado, há uns poucos de dias. Tu, tão jovial, tão amiga de rir e brincar, tens ficado séria de repente.... andas sempre a pensar.

VICTORINO.

E isto em tempo de festa, quando a nossa cidade está feita côrte! Estou certo que.... a rosa branca,

achada pelo padrinho, foi posta alli.... pela mão d'algum desses bonitos officiaes, de bigodes tão bem retorcidos.

RAPHAEL, *severo.*

Está certo?

VICTORINO.

Quero dizer.... que assim me parece. Elles apreciavam muito esses galanteios.

RAPHAEL.

E para quem seria a flôr?

VICTORINO.

Para.... D. Luiza, por exemplo.

LUIZA, *vivamente.*

Para mim!—Está enganado.... eu não procuro ser vista.

VICTORINO.

Perdõe.... eu não fallava sério. (*Ironico*). Bem sei que a senhora não cubiça essas honras.... não busca os que estão ácima de nós.

RAPHAEL.

Assim deve fazer sempre. Eu lhe dou o exemplo. (*Disfarçando*). Fallemos em outra cousa. Sabem uma novidade? Sua Alteza Real parte ámanhã para a villa de Santos.

VICTORINO.

Boa noticia para os figurões.... de cá.

RAPHAEL.

Como assim ?

VICTORINO.

Pódem agora encurtar os cordões da bolsa, e fazer a somma total da despeza.

RAPHAEL.

Esse total há de espanta-los certamente.

VICTORINO.

Padrinho, perdôe-me o atrevimento. Se eu fosse Vmc. aproveitava esta occasião.

RAPHAEL.

Qual occasião ?

VICTORINO.

Muita gente tem sido despachada. Porque não há de requerer ao principe um posto melhor ? Não é cousa difficil. Quem guerreou tanto lá pelo Sul póde pedir alguma mercê sem se envergonhar.

RAPHAEL.

Eu... pedir ? Não tenho geito para isso, nem vontade.

VICTORINO.

Ser alferes não é desgraça.

RAPHAEL.

Como soldado possuo o bom conceito e a amizade dos meus companheiros. Subindo a official, despertaria a inveja.... isso é o menos.... soffreria os desdens d'aquelles, que não têm metade dos meus serviços.

VICTORINO.

Quem se deixa desprezar tendo uma espada á cinta ?

RAPHAEL.

Que mal conheces o mundo ! A honra é a geração ; ninguém me tira disto. Em vão nasce um homem, á semelhança de Deus, possuindo intelligencia, rico de vontade e esperanças. Se a natureza imprimio-lhe no rosto uma côr odiosa, se a fortuna atirou o seu berço para dentro de uma choça, todos os seus esforços serão baldados, trabalhará inutilmente. Quando mesmo conseguisse elevar-se, ergueria comsigo a humiliação. Martyr de seus deveres, dando a vida pela patria, seu destino, sua recompensa é o esquecimento ; não haverá uma cruz humilde para fazer menção de sua morte.—Não, Victorino, eu nada pedirei.

VICTORINO.

Como quizer, padrinho.

RAPHAEL.

Que estás fazendo ahí, Luiza ? Queres abrir a janella.... para que fim ?

LUIZA.

Pareceu-me ouvir bulha fóra.

RAPHAEL.

E' engano teu : eu nada ouço.

VICTORINO.

Há de ser algum pateta que volta das luminarias, fallando em Constituição, garantias, e nas visagens que nos estão fazendo os taes deputados do Reino. E' o que se tracta nas praças, nas casas, nas boticas, em toda parte.

RAPHAEL.

As cabeças estão a arder. Possa acabar isto sem grandes disturbios, e para maior honra dos brasileiros. Quizesse-o Sua Alteza, e o gigante americano punha-se hoje de pé.

VICTORINO.

Elle continúa a se fazer de rogado, mas não terá outro remedio se não *dar o sim á noiva*.

RAPHAEL.

Ficamos hoje sem cêa ? A tia Onistalda é capaz, por despique, de deixa-la esfriar antes de chamar-me. Vamos vêr isso. (*Sahe*).

SCENA III.

VICTORINO E LUIZA.

LUIZA.

(*Indo espreitar curiosamente á janella da E.*) Será verdade ?

VICTORINO, *á parte.*

Coitadinha! Olha bem, á direita, á esquerda. Torna a olhar.... assim mesmo.... A noite é das mais escuras, os sinos estão a dar horas, lá se ouvem as cornetas.... mas isso que tem? Ella há de enxergar o seu vulto, há de estremecer a cada um de seus passos. Ah! maldito!

LUIZA, *voltando-se.*

Que está dizendo, Victorino? Maldito quem?

VICTORINO, *confuzo.*

Maldito.... eu mesmo. Ora, que grande figura sou eu? Um pobre diabo, aprendiz de alfaiate, que passo o dia movendo os braços e a noite batendo as pernas. Mas sempre tenho o meu prestimo, divirto um pouco aos outros. Lá isso é muito certo. Eu toco viola *por pontos*, canto dous ou treslunduns, e uma duzia de modinhas, danço, sapatêo: enfim sou um bom parceiro, inimigo da tristeza e de brigas; e como não sou inteiramente vadio, mereço o pão que estou comendo.

LUIZA.

Nós é que não merecemos semelhantes queixas, senhor Victorino.

VICTORINO.

Oh! meu Deus! não me falle assim. *Senhor Victorino!*... Pois eu estou fazendo queixas?

LUIZA.

O mano tractou-lhe mal hoje ?

VICTORINO.

Nem hoje, nem nunca.

LUIZA.

Então sou eu a criminosa. Aqui estou : de que me accusa ?

VICTORINO.

De nada, D. Luiza. Se lhe offendi, perdôe-me. E' que ás vezes tenho certas idéas, certas esperanças.... cousas de rir, passam logo. Bem sabe que eu procuro prestar-lhe algum serviço, sempre que posso. Hoje mesmo.... se é que sirvo para alguma cousa.... disponha de mim.

LUIZA.

Porque hoje então ?

VICTORINO.

Vejo que não lhe mereço confiança. Pois bem, começarei eu. Vê esta cartinha ? E' a de que o padrinho fallou. A tia Onistalda perdeu-a, não sei como, mas eu a ergui logo e parece que ninguem mais a viu. Aqui está ella.

LUIZA, tomando a carta.

Uma carta ! (*Lê-a tremendo, torna a dobra-la e com os olhos baixos*). Victorino, diga-me uma cousa : vossê leu este bilhete ?

VICTORINO.

Lí, sim, senhora.

LUIZA.

E conhece a pessoa que o escreveu ?

VICTORINO.

Conheço.

LUIZA, *escondendo o rosto.*

Deus meu, é certa a minha deshonra !

VICTORINO.

Conheço, sim. Eu sei de tudo, e vou-lhe dizer para que se fie de mim ; mas antes perdôe-me. Sim, D. Luiza, perdôe-me ter sido um espião, um villão-ruim, que tem seguido os seus passos, espreitando as suas acções : mas eu, talvez pela demasiada confiança que me davam, pensava que eramos todos da mesma familia. Metteu-se-me isto na cabeça. Tinha ciumes de quantos passavam por diante desta casa ; da quitandeira que parava a conversar com a tia Onistalda, do estudante de latim que ao voltar da escola enfiava os olhos pelo nosso corredor, do soldado que vinha visitar o padrinho ; emfim, tinha ciumes de todos e de mim mesmo. Parecia-me que a nossa casa era um Paraiso terrestre, por onde os homens deviam passar de largo, com os olhos baixos. Quer que lhe diga tudo ? Quando eu, á noite, levava de viola até tarde, subindo e descendo a rua, era ainda a mesma desconfiança ; meu coração estava sempre sobresaltado, sempre aqui.—Que loucuras, não é assim ? Perdôe-me.— Foi então que me encontrei com o Sr. Ayres. Não sei o que me fez desconfiar dos seus passeios a

esta rua. Elle chegou-se a mim, e indagou se a senhora não tinha adoecido com o susto que teve aquella noite da chegada do principe; e por ahi seguio, fazendo perguntas sobre as pessoas de casa: respondi a alguma dellas, afim de vêr qual era o seu intento. Descobrio-se a final, e offereceu-me dinheiro, se quizesse encarregar-me de uma carta delle para a senhora. Dei-me aos diabos com a tal proposta, e quiz arrumar-lhe uma tunda; mas fui eu que a tomei. Lembra-se d'aquelles tres dias, que andei de lenço atado na cabeça? Pois foi elle.—Ante hontem, mexendo o samburá em que tia Onistalda faz as compras, achei no fundo um papel: era uma carta que o Sr. Ayres lhe mandava.... Que zanga tive de saber lêr! Deu-me vontade de rasgar aquella maldita carta e engullir os pedacinhos. Não fiz tal, pu-la no mesmo lugar. Eu queria experimentar. A carta porém foi recebida.... lida.... guardada.... Para que vigiar mais? A serpente tinha entrado no paraiso.—Peço-lhe outra vez perdão, D. Luiza, e disponha de mim como quizer.

LUIZA.

Falla-me isso de coração?

VICTORINO.

E' só como eu sei fallar.

LUIZA.

Eu me entrego á sua amizade. Vossê é bom.... nada há de dizer ao mano.

VICTORINO. *á parte.*

Máo principio. (*Alto*). Nem meia palavra.

LUIZA.

Escute. Elle está alli, encostado na esquina, á minha espera.... quer fallar-me. Raphael não tardará a sahir. Depois.... eu lhe peço.... faça esse moço entrar aqui.

VICTORINO, *com força.*

Aqui?... Isso não. Pelo Senhor Bom Jesus de Iguape!

LUIZA.

Victorino!

VICTORINO.

Prometti servir-lhe no que pudesse, hei de cumprir a palavra que lhe dei. Quer que defenda esse homem, que o tracte como se fosse meu irmão, que lhe obedeça como escravo?... quer que me incumba dos seus recados? Farei isso, descerei a tanto. Mas introduzir um estranho, em ausencia de meu padrinho, nesta casa que serve-me de abrigo.... nesta casa em que tenho sido tractado como filho.... não! nem fallar nisso, D. Luiza.

LUIZA.

Olhe, Victorino; elle não se há de demorar, sahirá immediatamente. Quero só dizer-lhe duas palavras.... que fuja d'aqui, que não me procure, que eu o aborreço de morte.... Ah! se soubessem como eu tremí por elle, quando, ha pouco, Raphael percebeu o que me dizia a tia Onistalda! Fiquei sem uma pinga de sangue no corpo. Faça o que estou a pedir.... nada custa.... Eu sempre fui sua amiga, não é? porque não ha de fazer-me esse favor?

VICTORINO.

Mas é que.... não sei o que faça.

LUIZA.

Faça o que eu lhe digo.... não se ha de arrender por isso.

VICTORINO.

Se meu padrinho chega a descobrir....

LUIZA.

E' mesmo para evitar essa descoberta que eu quero fallar-lhe, persuadi-lo a que não se exponha, que não ande por tão perto.... que volte ao seu palacio.... que me deixe.

VICTORINO, *vacillando*.

Ah ! que se fosse assim !...

LUIZA.

Não acredita pois em minhas palavras ? Falle, quando é que o enganei ? Ah ! já sei o que é ; pensa que eu tenho amor a elle : não ! nenhum, posso jurar. Isso seria uma loucura. Elle está muito alto para mim. Filho de fidalgos, e eu irmã de um soldado.

VICTORINO.

Sargento, e muito honrado. Quem disser o contrario.... quebro-lhe os queixos.

LUIZA.

Não ouviu o que Raphael mesmo esteve nos dizendo ? A honra é a geração.

VICTORINO.

Será. Que nos importa isso ?

LUIZA.

Nós arranjaremos tudo muito bem. A rua está deserta, e quando Raphael tiver sahido para o quartel, dirás ao Sr. Ayres que entre. Peior é andar elle rondando esta casa ; o mano está desconfiado, e os vizinhos.... o que já não terão dito !

VICTORINO.

Está bom, eu farei quanto me manda ; que remedio posso eu dar a isto ? O que há de acontecer tem muita força.

LUIZA.

Ah meu rico Victorino !

VICTORINO, *á parte com tristeza.*

E a dizer-me que não lhe tem amor !

SCENA IV.

OS MESMOS E RAPHAEL.

RAPHAEL.

Prompto e em marcha. Os soldados não correm

perigo de envelhecer á meza. Vamos vêr se há serviço.... e que não haja.... voltarei tarde.

Ran, tan, plan, tan, plan, zabumba,
Bella vida militar !

Victorino, cerre bem a porta, rezem o terço e durmam na paz do Senhor. Dê-me d'ahi o boné. Vio o meu punhal ?

VICTORINO, *dando-lh'os.*

Aqui estão.

RAPHAEL, *sahindo.*

Adeus, gente.

VICTORINO.

Deus o acompanhe.

SCENA V

LUIZA E VICTORINO.

Ficam silenciosos por algum tempo. Luiza vai depois á janella e espreita de joelhos.

LUIZA.

Está parado e a fumar.

VICTORINO.

Quem ?

LUIZA.

Meu mano : vai agora descendo a rua.

VICTORINO.

E o outro.... foi-se embora ?

LUIZA.

Não. Sempre no mesmo lugar. (*Levanta-se*).

VICTORINO.

O que se tem de fazer faça-se já. A consciencia está a remorder-me, mas eu dei palavra. D. Luiza, pela ultima vez lhe peço : não faça esta imprudencia. Pense bem.

LUIZA.

Descanse, Victorino, e faça o que eu lhe ordenei.

VICTORINO, *resoluto*.

Vamos lá. (*Sahindo*). Este mundo.... este mundo....
(*Luiza desce á bocca da scena*).

SCENA VI.

LUIZA, só.

Meu Deus, que lhe vou dizer ? e o que elle dirá de mim ? Tenho o espirito n'uma confusão ! E' preciso desengana-lo, mostrar-lhe o obstaculo que nos separa.... para sempre ! E depois que tiver cumprido este dever, um adeus eterno e animo para encarar a vida. Animo ?... é o que me falta. Porque havia de apparecer-me este homem ? Porque deixei entrar n'alma este sonho d'uma existencia superior

ao meu nascimento? Se ainda elle fosse pobre, se fosse humilde e desprezado.... seria uma grande ventura. Não posso ter-me de pé.... que fraqueza esta minha!...—Quem fallou? ah! é Victorino.... e vem acompanhado. (*Mão no peito*). Coração, não batas tanto!

SCENA VII.

LUIZA, VICTORINO E AYRES.

VICTORINO.

Póde entrar, senhor, sem receio.

AYRES.

Como foi isto? Custa-me a acreditar. (*A Victorino, dando um patacão*). Meu rapaz, tome esta moeda em agradecimento, e depois.... procure-me.

VICTORINO.

Dinheiro?! Nada, não preciso d'elle. Guarde-o. O meu officio é outro. (*Indo a Luiza*). Está contente?

LUIZA.

Retire-se agora.

VICTORINO, *espantado*.

Como disse?... Retirar-me!

LUIZA, *fitando-o*.

Sim. Teme alguma cousa? Retire-se e vigie á porta.

VICTORINO.

Mais essa! E' o que eu não esperava. (*Rispido*). Boa noite. (*Sahindo*). O peor é dar-se o primeiro passo. (*Passando por Ayres*). Ora pois, porte-se como homem de bem. (*Sahe. Ayres aproxima-se indeciso*).

SCENA VIII.

LUIZA E AYRES.

LUIZA, *inclinando-se*.

Ahi tem uma cadeira, senhor. Póde sentar-se.

AYRES.

Obrigado. Aceito. (*Senta-se*). Senhora, a commoção em que me vê diz-lhe bastante o apreço que dou á graça que acabo de receber, e me parece ainda um sonho delicioso. Há dez dias que lhe consagro todos os meus instantes. Há dez noites que passo velando embevecido ao pé das suas janelas, ditoso por estar mais perto da senhora. Quantas cartas não lhe tenho escrito! Quantos meios não tenho imaginado para vê-la de relance! Este pensamento immutavel, esta insistencia maravilhosa não póde ser recebida com fria indifferença; não julga assim? Ella deve produzir amor ou odio. E agora pergunto a mim mesmo a qual destes dous sentimentos devo a felicidade de estar aqui, adiante da senhora, á noite, sem testemunhas, como dous amigos que a longos annos se não viam. Em seus olhos não percebo vestigio algum de odio.... poderei lêr nelles o amor?

LUIZA.

(*Com acanhamento*). Essa curiosidade... não posso satisfazer.

AYRES.

Pensa que o desejo? Não. Eu sou agora como um doente, exaustado de febre e de insomnia; que conta as horas, a revolver-se no seu leito solitário; até que, descobrindo os primeiros clarões da madrugada, suspira, fecha os olhos e adormece. Suo-to-me tão feliz!

LUIZA, *agitada*.

Escute-me agora, senhor, eu lhe peço. Ao dar um passo tão melindroso, não tive o intento de satisfazer vaidades, escutando palavras que não ficam bem na bocca que as profere, nem devem soar em meus ouvidos. E' verdade que recebendo-o nesta casa, em ausencia de meu irmão, contradigo-me, expondo esta mesma reputação, de que pareço tão zelozza, mas Deus sabe qual foi o meu pensamento.... Senhor, deve entender-me: peço-lhe com instancia, de joelhos, se fôr preciso, que se afaste desta casa, que não procure mais vêr-me.... (*Com esforço*). Do contrario.... a sua vida corre perigo....

AYRES, *altivo*.

Minha vida!... ninguem tema por ella!

LUIZA.

Raphael é bom e reconhecido, mas quando se tracta de seu nome, do seu crédito, perde o fino, é capaz de tudo. Quando me lembro que elle po-

deria voltar agora.... E' tão desconfiado ! Deixe-me pois, senhor Saldanha, e por este sacrificio conte com a gratidão d'uma pobre moça. Ella já lhe era devedora da vida, dever-lhe-há hoje a honra. Não vê que toda insistencia seria inutil e perigosa ? Não queira perder-me. (*Com voz trémula e perturbação*). O senhor é nobre de mais para ser meu esposo.... eu muito honesta para ser sua amante. Que espera pois ?

AYRES, *impaciente*.

Que espero ? Tudo. Luiza, eu estou lendo em seus olhos como n'um livro aberto. Debalde está a dizer-me razões que não comprehendo. Falle ; dirija-me rogos, ameaças, injurias mesmo. Eu só percebo uma cousa ; é que sou amado.

LUIZA, *envergonhada*.

Senhor !...

AYRES.

Repellis-me, pobre criança, porque vos sentís atrahida, porque quereis tirar pela corrente até quebra-la, mas quando a vossa força esgotar-se, meu triumpho será certo.

LUIZA, *erguendo-se*.

Victorino !

AYRES.

Não o chameis, de ninguem precisamos agora. Tenho tanto a dizer-vos ! Sim, haveis de ouvir-me quanto guardo no coração. Quero mostrar-vos esses dias compridos, que empreguei adorando esta casa,

feliz quando via alvejar um lenço branco por de-
traz do postigo ; ou fechado em meu quarto, fu-
gindo a festas e etiquetas, para vos escrever cartas
longas e ardentes, que não têm merecido uma
palavra em resposta. Quereis vêr as minhas noites ?
Eu tenho-as gasto em tentativas inuteis ou sonhos
que me desfallecem.

LUIZA, *sempre agitada.*

E' tarde, senhor.... Peço-lhe que se retire.

AYRES, *continuando.*

Nesses sonhos eu vos vejo como aquella noite,
bella, sobresaltada, segurando-me convulsa pelo bra-
ço : outras vezes, na igreja dos Remedios, de man-
tilha preta, que não podia encubrir uns olhos bri-
lhantes, nem disfarçar um corpo gracioso.

LUIZA, *sentida.*

E' isto o que tinha para dizer-me ?

AYRES, *com ardor.*

O que eu vos queria dizer, Luiza, é que esta
aproximação de nossa existencia tem alguma cousa
de fatal, e que a morte é o unico obstaculo á
união de duas almas apaixonadas.

LUIZA.

E eu lhe digo, senhor, que a sua confiança é de-
masiada, que não conseguirá ruins intentos. (*Com
esforço*). Sou fraca, conheço bem isso, mas saberei
defender-me das suas seducções.

AYRES.

Quem vos falla em seducção? Não merecia ser avaliado tão mal. Olhai para mim, Luiza! Eu vos amo mais do que a meu pai e mais do que á vida: como ousaria a sangue frio manchar a minha primeira affeição? profanar o meu idolo?

LUIZA, *anhelante.*

Ayres!

AYRES.

Sim, dá-me esse nome; como elle me parece doce, pronunciado pela tua bocca? Eu amo-te, pobre anjo, e é tanta a força deste amor que a meus olhos desaparecem os perigos. Temes teu irmão, eu duvido de meu pai; como pôde ser que os entes, a quem damos nomes tão santos, tornem-se inimigos mortaes da nossa felicidade? Não é possível! Não nos deixemos abater, que o tempo é precioso. Sua Alteza Real pouco se pôde demorar aqui e meu pai deve regressar com elle. Chega-te ao pé de mim, Luiza.... mais perto.... quero contar-te o que tenciono fazer.

LUIZA, *escutando sobresaltada.*

Meu irmão....

AYRES.

Teu irmão é talvez como meu pai, afferrado aos seus preconceitos, sacrificando tudo a um ponto de honra; mas D. José de Saldanha tem coração de pai, e sou eu o seu unico amor, o seu primeiro orgulho. Quando eu fôr lançar-me a seus

pés, e quando lhe der a escolher, d'uma parte o sacrificio de algumas conveniencias, com uma vida toda de gratidão e respeito; e d'outro lado a revolta ou a desgraça de seu unico filho.... vacillará talvez, mas o amor paterno há de prevalecer.

LUIZA.

Se eu ao menos tivesse os favores da fortuna!

AYRES.

De pouco te valeriam, Luiza. Meu pai desprezaria a riqueza, ainda que lhe apresentassêm todo o ouro das Minas. Faria mesmo um esforço para esquecer a humildade do teu nascimento. Ó que eu temo, o que faz-me estremecer de pavôr....

LUIZA, *offendida.*

O que queria dizer?

AYRES.

Não te magões, Luiza. Eu não te quero offender. Se eu te amo!

LUIZA.

Eu!... eu tambem.... (*Cala-se perturbada.*)

AYRES, *jubiloso.*

Acaba, Luiza!... deixa fallar o teu coração!.. E' como eu quero. Abrires-me a tua alma innocente, para eu guardar nella meus jubilos, minhas lagrimas. Tenhamos coragem e chegaremos á ventura.

LUIZA, *vencida pelos affectos.*

Ou á morte. Ayres, tem razão ! Meu sangue não é puro.... ferve, queima-me ! e quando lhe ouço fallar em sermos felizes.... Não ! nunca o sere-mos !... E apezar disso, a minha alma arremessa-se, abraça esta idéa insensata, e quando ella faltar-me.... cahirei morta !

AYRES.

Não me falles em morrer : seria blasphemar de Deus. Hoje mesmo contarei tudo a meu pai, hei de abranda-lo ; depois tra-lo-hei aqui, e quando elle te vir, a tua belleza, a tua angelica bondade....

SCENA IX.

OS MESMOS E VICTORINO.

VICTORINO.

(Trémulo e apressado). Estamos perdidos !

AYRES.

O que succedeu ?

VICTORINO.

O padrinho está de volta.

LUIZA, *afflicta.*

Raphael ?

VICTORINO.

Elle mesmo.

AYRES.

Olhe bem que póde ser engano.

VICTORINO.

Eu enganar-me !... não é possível. Se eu fosse cégo, era capaz de conhecer o seu passo no meio d'um esquadrão de milicianos. Vi-o dobrar a esquina.

AYRES.

Deixem-me sair....

VICTORINO.

Para ir esbarrar-se com elle ? Por ahi já não se póde effectuar a retirada. A unica sahida que tem é aquella janella.

AYRES.

Que ! pois eu hei de saltar por ahi ?

VICTORINO.

Assim é preciso. (*A meia voz*). Para escalar a praça não acharia a cousa tão difficil.—Vamos lá, menino.

LUIZA.

Ah ! meu Deus, ouvi bulha.

VICTORINO.

E' o padrinho que empurrou a porta. Falle mais baixo, senhor.... ou antes não falle.... saía !

AYRES.

(*A Luiza, abraçando-a*). Eu não me esquecerei do que prometti. Adeus, camarada. (*Sóbe á janella e salta ; o postigo fica erguido.*)

VICTORINO.

O demo te persiga. Abraça-la adiante de mim.... que desafôro !

LUIZA.

(*Apoiando-se em uma cadeira*). Se elle me falla.... estou perdida.

SCENA X.

LUIZA, VICTORINO E RAPHAEL.

RAPHAEL.

(*Largando o capote*). Não esperavam vêr-me voltar tão cedo, de certo. Sabam que amanhã tenho de ir a Santos acompanhando o Príncipe real. Não gostei da incumbencia, mas esta vida acostuma-nos a tudo. (*Descansando*). Então que fizeram vossês ?

VICTORINO.

Nada, padrinho.... Iamos dormir.

RAPHAEL.

(*Observando, desconfiado*). Parecem tão assustados. Andou por aqui alma do outro mundo ? (*Vendo a*

janella aberta). Ai! que é aquillo?! (*Corre ao postigo e debruça-se ancioso para fóra*).

LUIZA, *tremendo*.

Mano, fui eu] que....

RAPHAEL.

Foste tu? Percebo agora.... não me enganei! (*Com impeto*). Deshonra do meu nome.... morrerás ao nascer! (*Furioso arranca do punhal, e corre para Luiza*).

LUIZA.

(*Cahindo de joelhos*). Oh minha mãe!

RAPHAEL.

(*Suspende-se, atira fóra o punhal e ajoelha tambem*). Agradece-lhe, Luiza.... agradeçamos juntos. Se ella não nos olhasse do céo, teu irmão seria agora um miseravel. (*Quadro. Cáhe o panno*).

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO II

DOUS ORGULHOS.

ACTO II.

A mesma vista do acto antecedente. E' manhã.

SCENA I.

RAPHAEL E LUIZA.

RAPHAEL, *continuando.*

Foste muita leviana, Luiza, e sobre tudo muito ingrata para commigo.

LUIZA, *dolorosamente.*

Pois ainda não me perdoou ?

RAPHAEL.

Esse perdão dou-t'ó em premio da tua sinceridade.... tardía. Bem vejo que o mal não é tamanho como a principio imaginei ; mas não deixa de inspirar-me cuidados. Que importa que não pronunciasse palavra de que tenhamos de corar ? que

importa que não praticasses acção alguma que se torne nodoa do nosso nome? Já não és livre, minha irmã; teus pensamentos, teus desejos, teus sonhos, tua alma inteira pertence a esse homem.

LUIZA.

Por minha desgraça!

RAPHAEL.

A que devemos talvez a nossa honra? Ao seu procedimento respeitoso.

LUIZA.

A' sua alma grande e generosa.

RAPHAEL.

Mas não és tu unicamente quem deve implorar perdão. Eu também sou culpado. Perdôa o meu arrebatamento de hontem. Se soubesses como eu te amo, o ciume que tenho das tuas menores affeições! Eu nunca te disse isto, mas é assim.—Nós soldados não gastamos o nosso tempo em protestos. Conta pois commigo, Luiza; mas não te hallucines. E' pouco, muito pouco o que eu posso fazer a teu favor. Se se tratasse de defender te, de vingar uma injuria, de derramar por ti o meu sangue, verias como eu procedo em taes casos. Se desejassem algum desses objectos de luxo, dessas lindas teteyas, que não possuímos, mostrar-te-ia que não sei festejar a bolsa quando pretendo agradecer-te. Satisfaria emfim o teu menor desejo. Uma só cousa não posso fazer, nem por ti.... é commetter uma vileza. Esse moço te estima, dizes tu, deseja casar contigo; assim

será, mas o verdadeiro é não especular com um momento de generosidade. Não nos curvemos inutilmente. Aquelle que a sociedade injusta desherdou dos seus gozos e triumphos ; o paria abjecto, cuja vista só empesta, esse ainda póde conservar intacta a sua dignidade, o seu orgulho ; póde dizer com desdem aos grandes e opulentos : Fartai-vos, ride e folgai embora ! não me abaixarei para erguer as migalhas de vossa meza : o meu pão secco hei de comê-lo com prazer.—Vamos. Não alimentes esperanças enganosas que te hão de matar. Acostuma-te a olhar a felicidade como uma cousa impossivel ; quando chegar a hora do desengano terás menos a perder. Faze-te forte, como deve ser a irmã de um soldado.

LUIZA.

(*N'um soluço*). Sim, eu serei forte.

RAPHAEL.

Que é isso ? Tu me despedaças o coração. Procura distrahir-te, não te entregues assim.—Vai arranjar-me a roupa : olha, eu preciso de pouca cousa.

LUIZA.

E tenho de ficar só ?

RAPHAEL.

Por pouco tempo será. Até amanhã sómente. Victorino há de fazer-te boa companhia. A' minha volta.... veio-me uma boa idéa.... quando eu voltar pedirei um mez de licença, e iremos passalo no campo : algures hei de arranjar uma chácara.

Que bella vida não levaremos nós ! As varzeas comecem a brotar, as pitangueiras cobrem-se de flores, estamos em plena primavera. Só do que eu não gosto é das queimadas ; o ar fica cheio de fumo e tão pezado....

LUIZA.

E deixa tanta melancolia no coração !

RAPHAEL.

Mas assim mesmo é bello. Eu.... já se sabe ! levo o tempo todo a caçar. E tu.... que pretendes fazer ?

LUIZA.

Eu ?

RAPHAEL.

Emprestarei alguma historia para nos lêres, ou então iremos juntos ás tinguijadas. De qualquer modo que seja, divertir-nos-nemos á grande. A vida é boa, nosso coração é que não sabe satisfazer-se. Ora esta !... creio que estou voltando ás tristezas, Vai, minha filha, vai cuidar na mala.

SCENA II.

RAPHAEL, só.

Pobre creatura ! Bem vejo que as minhas palavras não dão consolação, mas é só o que tenho para offerecer-lhe. O combate não tarda, e sinto-me sem forças para luctar. Que martyrio não é vê-la definhar assim, e beber suas lagrimas ! Antes quizera ter adiante de mim as forças todas de Ar-

tigas e Fructuoso Rivera.—Meu Deos, afastai desta casa alguma desgraça.

SCENA III.

O MESMO E ONISTALDA.

ONISTALDA.

Está prompto o almoço.

RAPHAEL.

Não quero almoçar: leve alguma cousa ao quarto de Luiza. Depois dê uma boa ração ao meu cavallo, ração de viagem. Espere, eu mesmo vou fazer isso. (*Sahe*).

ONISTALDA.

(*Sentando-se*). Arre lá! Parece que nem para isso se fiam de mim. De certo tem medo que eu lhe furte o milho. Ahí vem Victorino.... cantando sempre.... Psú! Este não se ha de queixar de fastio.

SCENA IV.

VICTORINO E ONISTALDA.

VICTORINO, *cantando*.

Quem tiver moça bonita
Não a leve na função :
Se está livre d'um abraço,
Não está de um beliscão.

Que ditoso fim levaria a tia Onistalda ?

ONISTALDA.

Aqui estou, Pilatos. Que quer ?

VICTORINO.

Almoçar.

ONISTALDA.

Sempre com a barriga nas costas, e sempre comendo que nem um....

VICTORINO.

Que nem um indio, titia 𐄂

ONISTALDA, *arrufada.*

Eu não sou india.

VICTORINO, *á parte.*

Mordeu-lhe a pulga. (*Alto*). Pois é pena. Os cabôclos hoje estão sendo muito procurados ; maior honra é descender de Tebiriçá que do rei de Hespanha. Há por ahi muita gente boa que se pudesse deitar fóra o sangue de emboava que tem nas vêas, fazia tal, ainda que tivesse de substitui-lo pelo de papagaio ou anta.

ONISTALDA.

Vossê me chama de anta !

VICTORINO.

Eu, não : só se fosse pelo beijo que está me fazendo. Mas vamos : dê-me de almoçar, que chego da tenda, e de São Bento á Cruz preta não é um

pulo. Encontrei Sua Alteza Real, que parece andar se despedindo desta boa cidade, com seu ajudante de ordens e outras personagens, entre as quaes troteava um pobre velho barrigudo, de cabello empoado, cousa muito para se vêr e apreciar.

ONISTALDA.

Hoje não se gasta dinheiro com tapioca. Não há moda que dure. Acabaram-se os josézinhos, os calções e as saias á Zamperini..... isso é cá do meu tempo; vossê não alcançou. Agora ninguem falla já em trunfas e polvilhos: e o mesmo caminho hão levar as mantilhas, os touros....

VICTORINO.

E a tia Onistalda. *Requiescat in pace. Amen.*

ONISTALDA.

Appello! Vossê quer começar mal o dia, pagão? Não sabe que isso é agouro?

VICTORINO.

O que? Fallar em lingua de padre?

ONISTALDA.

Senhor sim. Ainda mais que esta noite esteve cantando embaixo de minha cama um grillo preto. E' signal de morte.

VICTORINO.

Ora, o grillo preto!

ONISTALDA.

E os cães da vizinhança, reparou? Uivaram a

noite inteira. Peguei um chinello do pé esquerdo, bati tres pancadas no chão, e deixei-o virado: mas os malditos continuaram a fazer a mesma motinada. E' porque o sapato não era de homem.

VICTORINO.

Grillos.... cães.... Jesus ! D'aqui a pouco passa revista aos mboytatás e almas do outro mundo.

ONISTALDA.

Vossê brinca com estas cousas !

VICTORINO.

Que esta noite houve cousa de agouro, houve ; mas muito differente disso....

ONISTALDA.

Que foi então ?

VICTORINO.

Escusa perguntar, que não lhe conto. Parece-me que foi a hora mais assustada que tenho tido em minha vida.... depois do dia em que fui vêr enforçar o Chaguinhas.

ONISTALDA.

Pensa então que eu nada sei ? Eu reparei bem no no moço que entrou, e não vi mais sahir.... e o grito de Inhôzinho ?

VICTORINO, *á parte.*

Bruxa, quem te vazasse os olhos ! (*Alto*). Já que põe tanto sentido no que se passa, diga-me o que tem feito o padrinho esta manhã ?

ONISTALDA.

Esteve aqui, *batendo bocca* com a irmã. Os dous estão bem tristes.

VICTORINO.

Elles têm razões de sobra. E eu.... estou com um medo de lhes apparecer !

ONISTALDA.

Ora diga-me : que dia é hoje ?

VICTORINO.

Quinta feira, 5 de setembro de 1822. Há de ser um bello dia ; veja só que céu ! que manhã !—
Dá-me uma vontade de sahir a correr por ahí fóra.

ONISTALDA.

Quinta.... é isso mesmo. Domingo é dia de festa na Penha, e não me fez ainda aquella touca que me prometteu.

VICTORINO.

Ella está quasi prompta ; milagre será se puder accommodar esses *carijós*.

ONISTALDA.

Sahiu uma alma do purgatorio.

VICTORINO.

Em troca da touca que vai-me dar ?

ONISTALDA.

Almoço de café.

VICTORINO.

Almoço de café ! Sahio outra alma do purgatorio. Eu sou capaz de passar com essa bebida ; o meu maior desejo é que este goveruo de S. Paulo cubra-se um dia de cafezaes : só então poderei beber café a meu contento. Em quanto começo as plantações, vamos para a varanda. D. Luiza já almoçou ?

ONISTALDA.

Não. Está no seu quarto.... fazendo renda talvez. Agora lembrei-me de que tenho uma carta para entregar-lhe. (*Tira-a do seio*).

VICTORINO.

Uma carta !... de quem é ?

ONISTALDA.

Ora ! pois não sabe ?

VICTORINO.

Ah, ai ! Se o padrinho percebe.

ONISTALDA.

Que se lhe ha de fazer ! Tenho pena destes pobres moços....

VICTORINO.

Essa sua pena, tia Onistalda, ainda lhe ha de fazer penar no inferno. (*Vai-se*).

ONISTALDA.

Mais póde Deos e õ glorioso Santo Elesbão !

SCENA V.

ONISTALDA E LUIZA.

LUIZA.

Que carta é essa ?

ONISTALDA.

Bons dias, nhanhã. Passa melhor ?

LUIZA.

Essa carta é para mim ? Quem trouxe ?

ONISTALDA.

E, ' sim. Um moleque de libré veio entrega-la, ha-
verá meia hora. Aquí está. Quer que lhe traga aqui
o cafézinho ?

LUIZA.

Não, não quero.

ONISTALDA.

Ao menos uns ovos escalfados !

LUIZA, *abrindo a carta.*

Tambem não quero. Deixe-me só.

ONISTALDA, *sahindo.*

Não sei como se póde viver assim !

SCENA VI.

LUIZA E RAPHAEL.

RAPHAEL, *sevéro.*

Escreveram-te, Luiza ?

LUIZA, *com serenidade.*

Sim, mano. Foi elle. Quer lêr?—Não ha mais segredos entre nós. Leia alto, que eu não posso ; tenho uma nuvem sobre os olhos.

RAPHAEL.

E tão pallida ! Não vás tu adoecer.

LUIZA.

Não, isto é nada.... falta de dormir. Verá como logo estou boa. Faz favor de lêr ?

RAPHAEL.

Já que assim o queres.... (*Lê*). « Fallei a meu pai, « Luiza. Ao principio tomou elle as minhas palavras « como um gracejo, um capricho de criança. Mas « quando comprehendeu a firmeza de minha voz, o « fogo dos meus olhos, ergueu-se e interrogou-me « severamente. Contei-lhe tudo. Nada encobri, nada « dissimulei. Ameaçou-me então com a volta ao Rio « de Janeiro ; respondi-lhe que era livre, e que se « tentassem violentar-me tinha a lei a meu favor. « Ameaçou-me com o desprezo e a aversão da so- « ciedade ; asseverei-lhe que preferia as doçuras do

« amor. Disse que me desherdaria; offereci-me para
« chamar um tabellião. Supplicou-me com lagrimas
« que não enchesse de amargura os ultimos dias de
« sua velhice; chorei com elle, mas não cedi. Cal-
« lou-se então. Oh Luiza, nunca eu vi passar n'um
« rosto humano uma tempestade assim! afinal so-
« cegou bastante para poder fallar, e perguntou-me
« a tua morada. Elle há de ir vêr-te; com que fim?
« Para admirar tantas virtudes e dar-te o suave no-
« me, de filha? ou para arrancar uma renuncia
« que eu nunca farei? Não sei dizer. Elle padece
« horrivelmente. Meu Deus, não permittais que eu
« me torne um parricida! Adeus, Luiza; deveis
« amar-me e muito. »

LUIZA.

(*Tomando-lhe as mãos e radiante*). Então, Raphael,
não é bom? não é ativo? não é digno de amor?

RAPHAEL.

Sua alma é generosa e independente.... mas é
seu pai quem tem razão.

LUIZA.

Ah! todos me abandonam.

RAPHAEL.

Por ti eu sacrificarei... o que puder sacrificar.
Mas temo bem pelo fim de tudo isto. D. José de
Saldanha é um fidalgo de tempera rija, incapaz de
consentir em uma alliança, que (segundo elle) des-
honoraria os seus braços. Eu... sou um soldado
grosseiro e teimoso, que não posso soffrer a menor

dúvida sobre o meu desinteresse. Ah ! Luiza, Luiza, entre estes dous orgulhos tu hás de ficar esmagada.

LUIZA.

E diz-me isso, mano ?

RAPHAEL.

Queres então que te minta ? Olha, quando eu penso que póde chegar um dia em que alguém se julgue com direito para dizer : Raphael de Proença é um homem de tino, sabe tirar a sardinha com a mão do gato : aproveitou-se da simplicidade de um namorado para arranjar a irmã optimamente. E' um homem de fortuna.—Queres que eu ouça isto ?

LUIZA, *abatida*.

Não me resta esperança alguma.

RAPHAEL.

Resta-te o meu amor, Luiza. Porque não havia de elle bastar á tua alma ? Olha, Luiza, eu tambem tenho-me vencido, tenho arrancado muito desejo do coração. Pensas tu que a minha mocidade é uma arvore maninha, sem rama e sem verdor ? Só Deos sabe o que tem sido. Mas eu nunca embalei essas illusões ; vestia a minha farda, dava-te um beijo na testa e esquecia-me de tudo. Ás vezes sómente demorava-me a olhar para o futuro e dizia commigo : O soldado há de ter descanso um dia, e poderá em algum retiro plantar a flôr cheirosa de sua felicidade.

LUIZA.

E se plantasse essa flôr, mano, cultivando-a com amoroso desvélo, regando-a com a agua de seus

oihos e o sangue mais puro, e viesse depois o sol, quente, sem nuvens, sem dó, e fizesse murchar a pobre flôr, não sentiria a sua morte, não desejaria morrer com ella ?

RAPHAEL.

Eu !... talvez que assim fôsse.

LUIZA.

Vossê é homem, Raphael, é forte, póde fallar como falla. Eu sou uma pobre mulher, hei de morrer.... como morro.

RAPHAEL.

Que desatino ! Luiza, tu me assustas.

LUIZA.

Porque ? Ninguem deve fazer caso do que diz uma louca. Eu não tenho a cabeça bôa.

RAPHAEL.

Sentes febre ?

LUIZA.

Sim, tenho. Quiz vêr se dormia um pouco.... não pude fechar os olhos ?

RAPHAEL.

Banha as fontes com agua e vinagre, e deita-te outra vez. Hás de sentir melhoras, verás.

LUIZA.

Sim, eu farei tudo quanto quizer ; mas antes disso há de conceder-me um favor.

RAPHAEL.

Qual é? Pódes dizer.

LUIZA.

Queria fallar a esse homem quando vier cá.

RAPHAEL.

Tu, Luiza?—Não, sou eu quem devo recebê-lo, elle te intimidaria facilmente e conseguiria de ti quanto quizesse. Não tenhas medo que eu abandone a tua causa, servi-la-hei o melhor que puder, não te darei razão de queixa. Vai descançar, filha, e tem fé nas minhas forças.

LUIZA, *suspirando*.

Ai! Eu preferia a minha fraqueza.

RAPHAEL.

(*A' porta da D*). Victorino, venha cá. Olha, Luiza, vai para o teu quarto, mas não durmas; e quando eu te chamar.... entendes-me?...

LUIZA.

Sim, eu virei.

RAPHAEL.

Bem vês que satisfação como posso as tuas vontades.

SCENA VII.

OS MESMOS E VICTORINO.

VICTORINO.

Aqui estou, padrinho. (*A' parte*). Lá vai sermão.

RAPHAEL.

D'aqui a pouco há de vir procurar-me um homem. Chama-se D. José de Saldanha. Faça-o entrar para aqui, entendeu ?

VICTORINO.

Sim, senhor. (*Partindo*). Saldanha. Aonde foi que ouvi este nome ?

LUIZA, *vacillando*.

Meu Deos ! (*Victorino torna atraz vivamente*).

RAPHAEL.

(*Correndo para Luiza e amparando-a*). Que foi isso ?

LUIZA.

Nada.... Uma vertigem....

VICTORINO.

Há de ser fraqueza. Se ella não almoçou !

RAPHAEL, *sollicito*.

E não queres ficar doente! Vamos para dentro. (*Mais baixo*). Minha Luiza, não te deixes abater. Para te salvar, eu farei tudo.... tudo, percebeste?

VICTORINO.

Quer que eu mande vir um caldo?

LUIZA.

Não. Já passou.

RAPHAEL.

Um calix de vinho será melhor.. Vem cá, firma-te no meu braço. (*Sahem*).

SCENA VIII.

VICTORINO E DEPOIS AYRES.

VICTORINO.

Passou-me a vontade de rir. Não volto hoje ao trabalho, que tudo nesta casa vai mal encaminhado. Estou quasi acreditando, com a tia Onistalda em grillos pretos.

AYRES.

(*Fóra do postigo*). Victorino!

VICTORINO, *espantado*.

Donde é que me fallam!

AYRES.

Da janella. Abra.

VICTORINO.

Elle ainda! (*Vai abrir-lhe o postigo*). Que vem fazer aqui, imprudente?

AYRES.

Diga-me, meu pai está aqui?

VICTORINO.

Seu pai?! Quem é seu pai?

AYRES.

D. José de Saldanha.

VICTORINO.

Ah! Não veio ainda, mas não deve tardar muito por ahí. Tenho ordem de faze-lo entrar.

AYRES.

E Luiza.... não a posso vêr?

VICTORINO.

Está doente, senhor, muito doente. Tem febre, e há pouco deu-lhe uma vertigem.

AYRES.

Pobre anjo! terás de voltar para o céu?

VICTORINO.

Ah ! senhor Ayres, diga-me uma cousa. Acredita em agouros ?

AYRÈS.

Que está dizendo ?—E' elle, é meu pai. Adeus, Victorino. (*Afasta-se*).

SCENA IX.

VICTORINO E ONISTALDA.

VICTORINO.

Pobre moço, gosta tanto d'aquella janella ! Ai ! (*Voltando-se assustado*). E' a tia Onistalda.... Qual-quer sombra me assusta. Pensei vêr um grande grillo preto.... historias !

ONISTALDA, *entrando*.

Não ouvio bater, Victorino ?

VICTORINO.

Sim, eu lá vou. (*Vai-se*).

ONISTALDA, *só*.

Elle não acredita em agouros.... está bom.—Cousas de velhas, cousas de crianças. Quando tem uma cruz no pescoço pensa que Deos fechou os olhos. O que tem vêr um grillo, uma sombra que se move, um homem vestido de preto ? Nada. Mas esse nada leva muita gente ao cemiterio. (*Sahe*).

SCENA X.

D. JOSÉ E VICTORINO DEPOIS RAPHAEL.

*D. José entra silencioso, de feições contrahidas e severas.
Mistura de orgulho e ironia.*

VICTORINO, *afadigado.*

Queira sentar-se, senhor.... aqui está uma cadeira. Eu vou chamar meu padrinho. (*D. José inclina-se*).

RAPHAEL.

(*Entra e corteja a D. José*). Retire-se, Victorino. Queria fallar-me, senhor? (*Victorino sahe*).

D. JOSÉ.

Quero fallar ao senhor Raphael Proença.

RAPHAEL.

Estou ás ordens de V. Exc. (*Sentam-se*).

D. JOSÉ.

Sargento, é a primeira vez que o vejo em minha vida, e quanto ao senhor, creio que nunca lhe passou pela idéa que existisse D. José de Saldanha.

RAPHAEL.

Nem todos podem ter uma fama universal.

D. JOSÉ.

Entretanto venho pedir-lhe.... uma cousa tão singular que não sei explica-la. Tem lido novellas ?

RAPHAEL.

O tempo não me sobra para isso.

D. JOSÉ.

Faz muito bem ; eu tambem já não as leio, mas sei o que ellas contêem. Um homem encontra-se com outro que lhe é inteiramente extranho.... Estamos nesse caso. Vê-lhe uma grande tristeza impressa no semblante, sympathiza com ella. Chega-se ao extranho, dá-lhe os bons dias e indaga o que tem, convidando-o a verter em seu seio as mágoas que soffre. O outro, movido pela mesma sympathia, conta-lhe a sua vida desde a meninice. Assim é, se me não falha a memoria.

RAPHAEL.

Quer V. Exc. então....

D. JOSÉ.

Ser seu confidente. Parece-lhe isto uma farça ? Ponha no sentido que Sua Alteza Real, ou alguma outra pessoa influente deseja o seu adiantamento e mandou-me tirar informações.

RAPHAEL.

Seria melhor que V. Exc. se dirigisse aos meus superiores. Dar-lhe-iam todos os esclarecimentos.

D. JOSÉ.

E porque não seria o senhor? Dá-se por suspeito?

RAPHAEL.

Pois bem; seja assim como deseja.—Estou hoje com vêa de intimidade maravilhosa.

D. JOSÉ, *ironico.*

O negocio é mesmo de vêas. (*Raphael levanta-se impetuosamente, e estaca fitando os olhos no quarto de Luiza*). Está incommodado?

RAPHAEL, *acalmãdo.*

De nenhuma sorte. Tenho uma pessoa doente em casa; não é de extranhar que julgasse ouvir chamar pelo meu nome.—(*Sentando-se*). Fallavamos nas informações que exige de mim: quer V. Exc. vêr a minha arvore de costado: é pena que os meus antepassados se esquecessem de planta-la.

D. JOSÉ.

Um general da antiguidade dizia: A minha familia começa em mim. Não quer seguir essa opinião?

RAPHAEL.

Com muito gosto, e será um grande refrigerio para a minha memoria. Ouça-me, Sr. D. José, a minha historia é breve. Fiquei orphão de pai na idade de doze annos. Minha mãe teria igualmente succumbido ao pezar, se não lhe restassem filhos, que precisavam da sua dedicação. Fechou as lagri-

mas no seio, e trabalhou corajosamente, dia e noite, para que não nos faltasse o alimento. Quando eu começava a ser-lhe de alguma utilidade, fui recrutado, arrastado para longe de minha família, ás campanhas mortíferas do sul. O que eu soffri n'aquelle tempo, de saudade e de privações, é impossível contar. Servi ás ordens do illustre general Curado, combati no Carumbé e em Catalan, e gachei a banda de sargento depois da batalha de Tacuarembó. Acabada a guerra com a tomada de Montevideo, pude voltar a São Paulo. Ah ! minha mãe já não existia !—Desde então tenho-me conservado nesta cidade, e gozo graças a Deos, do melhor conceito.

D. JOSÉ.

E não tem familia ?

RAPHAEL.

Sim, resta-me uma irmã solteira, a quem muito estimo.... Quer V. Ex. conhecê-la ?

D. JOSÉ.

Porque não ? A minha sympathia deve abranger toda sua familia.

RAPHAEL, *chamando*.

Luiza !

SCENA XI.

OS MESMOS E LUIZA.

LUIZA.

(*Pallida e trémula*). Chamou-me ?

D. JOSÉ, *á parte.*

Não se fez esperar muito.

RAPHAEL.

Sim, Luiza; ~~tem~~ ^{braco} para o pé de mim. Acanhada! debruça o ~~braco~~ sobre o meu hombro, esconde essa cara. (*Animando-se*). Sr. D. José de Saldanha, não é certo que todo homem, pobre ou rico, bom ou máu, festejado pela sociedade ou proscripto por ella, tem um objecto santo, um idolo venerado, que nada mancha e nem se póde manchar, que seria o nosso Anjo da guarda, se Deos se tivesse esquecido de no-lo dar? Para uns é um filho, para outros uma esposa, um amante. Póde ser tãobem a gloria, a virtude, a liberdade. O meu idolo, senhor, ei-lo aqui; é esta pobre menina; resume em si todas as minhas affeições mortas, todos os meus sonhos do presente. Fazê-la feliz e adorada seria para mim felicidade e adoração. Que quero eu? de que preciso? Desconhecido em nome, pardo na côr, soldado na fortuna, não canso a minha alma com ambições: mas para ella, para este anjo.... julgaria sem valor uma corôa. Se tem por acaso um filho, senhor, deve comprehender minhas palavras.

D. JOSÉ, *levemente enternecido.*

Sim, tenho; é bom e generoso. Ah! porque custa-me tanto fazê-lo feliz!

RAPHAEL.

Além disto, senhor... veja a minha Luiza. Não é bonita? Que brilho de saúde e de mocidade! Quando ella apparecesse em alguma côrte, no meio

de uma sociedade elegante, quem não diria que nasceu em berço de riqueza, cercada de mimos e regalos? Quem não diria que nestas vêas gyra o sangue europeu, que.... bem o sabe, senhor.... é o unico sangue puro que há?

LUIZA.

Como soffro!

RAPHAEL.

Pobre Luiza! Retira-te agora, e vai descansar.—
Dorme sem cuidados.

LUIZA.

Obrigada, meu irmão. (*Beija-lhe a mão e sahe. Raphael acompanha-a até á porta.*)

SCENA XII.

RAPHAEL E D. JOSÉ.

D. JOSÉ, em pé e agitado.

Não, não devo ceder.... seria uma fraqueza deploravel. (*A Raphael*), Senhor, fallemos em outro tom; o que tenho a dizer-lhe é bastante importante, e dispensa preambulos.

RAPHAEL.

Como V. Exc. quizer....

D. JOSÉ.

Meu filho Ayres de Saldanha viu, por sua e minha desgraça, a essa menina que acaba de sahir d'aquí; a sua rara belleza, a sua graça e innocencia fizeram impressão n'aquella alma sensivel. Vendo que o casamento era o unico meio de possuir a pessoa que adora, veio pedir o meu consentimento. Eu sei o que devo aos meus quarenta antepassados. Procurei fazer-lhe vêr as consequencias de semelhante união, quiz meŝmo dominar a sua vontade, mas nada pude cónseguir. Foi com a alma dilacerada que aqui vim ter. Confesso que tem-me agraddo summamente. Sei agora que sua irman é um anjo, e o senhor um moço de educação e de brios. Espero que não porá duvida a unir-se commigo para obrigar meu filho a renunciar um projecto insensato.

RAPHAEL.

(*Com amarga ironia*). Senhor, eu sei tudo isso que acaba de dizer-me, mas permitta que ajunte algumas pequenas explicações. Esse encontro de seu filho com Luiza, que V. Exc. parece lamentar tanto, não teve lugar debaixo dos meus auspicios. Eu não tenho pressa de perder a companhia de minha irman, buscando-lhe marido, e ella é bastante recolhida. Foi sómente hontem que eu vim no conhecimento da honra que o Sr. Ayres queria fazer-nos. Mas não pense V. Exc. que eu contribua para livrar os seus quarenta avós da desfeita que os ameaça. Deixarei de ser advogado de Luiza, mas não me unirei aos seus algozes. Sabe o que faço? Cruzo os braços e digo-lhe friamente: Meu caro senhor, proceda como entender.

D. JOSÉ.

Eu não quero impôr sacrificios ; se deseja alguma.... retribuição pecuniaria....

RAPHAEL, *estremecendo.*

Dinheiro ! (*Pausa*). E em quanto avalia V. Exc. a renuncia de minha irman ?

D. JOSÉ.

Dir-mo-há, e será satisfeito.

RAPHAEL.

Eu lhe vou dizer, senhor.—Se V. Exc. tivesse uma irman como a que eu tenho, pura, bella e extremosa, que nunca venderá seu corpo, mas que sabe dar a quem ama toda sua alma ; e viesse alguém propôr-lhe o.... negocio, que me está propondo, que lhe diria, senhor ? qual seria a sua resposta ?—Que ! pois será honesto e justo para o fidalgo aquillo que parece infame e vil ao peão ? (*Com força*) Senhor, o coração de Luiza não tem preço !... minha irman não é uma prostituta ! (‘)

D. JOSÉ.

E’ injusto em pensar....

RAPHAEL.

Nem mais uma palavra, senhor, para que eu tome por um sonho a baixeza de que me julgou capaz.

D. JOSÉ.

Acredite que eu não sou desses fidalgos ridiculos
(*a nota na errata.*)

que não perdem occasião de fallar nos seus pergaminhos. Abraçaria de boa vontade como filha a uma moça do povo, se ella fosse semelhante á sua irman. O caso presente porém é tão especial....

RAPHAEL.

Por causa da minha côr? Tem razão. A sorte do homem pardo é tão miseravel! O pobre pôde chegar á fortuna; o plebeu pôde alcançar honras e gloria: mas o homem que traz em si o sêllo de duas raças diversas e inimigas, o que poderá fazer elle? Dirá ás suas vêas que conservem este e não aquelle sangue? Dirá á sua epiderme que tome esta ou aquella côr? Obstaculo insuperavel, que esmaga os maiores arrojós da vontade! Preconceito barbaro e monstruoso que vota ao desalento e á obscuridade tanta alma grande!

D. JOSÉ.

Acompanho-os nesses sentimentos de philantropia; e bem que não deseje ir de encontro ás idéas recebidas, por absurdas e deshumanas que sejam, saltaria por cima desse inconveniente afim de assegurar a felicidade de Ayres e a minha.... pois são uma e a mesma cousa. O obstaculo que existe é outro e maior, direi mesmo invencivel. Que importa uma ligeira modificação do sangue?... mas deixar pesar sobre a minha familia uma nodoa indelevel.... Sargento Proença, seu pai era escravo?

RAPHAEL.

Meu pai?... (*Depois de um longo espasmo de furor*) Senhor, é uma pergunta ou a um insulto que eu devo responder?

D. JOSÉ, *com placidez e desdem.*

Porque se exaspera assim? Se na sua alma existe uma chaga viva, não fui que a abri.

RAPHAEL, *serenando.*

Tem ainda razão, senhor D. José. Sejamos até o fim homens de gêlo. Eu responderei a essa pergunta contando a historia de meu pai. Ella nada tem de rara, mas é curiosa.—Um fazendeiro abastado havia perdido sua mulher. Ainda robusto, sentia esses transportes, que na mocidade teem o nome de amor, mas que nos fins de uma vida, consagrada toda ao dominio e á cubiça, tornam-se cégos e vergonhosos como os instinctos dos brutos. Para que contrahir um segundo hymeneu, que transtornaria seus planos de familia e de engrandecimento, quando viviam ahi pelas senzalas e campos tantas escravas complacentes? foi o que elle pensou e o que fez. A preferida, senhor, era uma pobre mulata que, criada com mimo por sua senhora, não fôra rasgar os pés na roça ou nas matas virgens, nem crestára o rosto nas exalações ardentes do engenho de assucar. Foi a minha avó, senhor D. José. Ella não resistio aos affagos de seu senhor.... pois não seria ridiculo? D'ahi a nove mezes o fazendeiro tinha mais um filho e mais um escravo. Sim, mais um escravo: e para que lhe concederiam a liberdade? Que direitos lhe dava a ella esse pingo de *sangue limpo* que se lhe introduzira nas vêas? Para que diminuir a herança dos filhos queridos?—A pobre criança viveu pois com os outros crioulinhos, feliz por lhe deixarem sua mãe. Quando morreu o fazendeiro, seus filhos tiveram escrúpulos de associar-se áquella injustiça

atróz : meu pai recebeu a sua carta] de alforria.
—Eu já o tinha dito ; esta historia é vulgarissima,
mas era preciso dar uma resposta já V. Ex.

D. JOSÉ.

Vê agora que é....

RAPHAEL.

Sou filho de um escravo, e que tem isso?..
onde está a mancha indelevel?... O Brasil é uma
terra de captiveiro. Sim, todos aqui são escravos.
O negro que trabalha semi-nú, cantando aos raios
do sol ; o indio que por um miseravel salario é
empregado na feitura de estradas e capellas ; o
selvagem, que, fugindo ás bandeiras, vaga de matta
em matta ; o pardo a quem apenas se reconhece o
direito de viver esquecido ; o branco emfim, o
branco orgulhoso, que soffre de má cara a inso-
lencia das Côrtes e o desdem dos europeos. Oh!
quando cairem todas estas cadêas, quando estes
captivos todos se resgatarem—ha de ser um bello
e glorioso dia !

D. JOSÉ.

Vejo com pezar que nada temos feito...

RAPHAEL, *prorompendo.*

E que quereis que eu faça, senhor ? Não bas-
ta já de vergonha e de humiliação ? A vós é
que compete retirar-vos, antes que eu m'esqueça
dos vossos cabellos brancos. (*D. José vai a sahir,
entra Ayres firme e altivo.*)

SCENA XIII.

AYRES E OS MESMOS.

AYRES.

Sargento Raphael Proença, venho pedir-lhe a mão de sua irman.

D. JOSÉ.

Ayres, que significa isto?

RAPHAEL.

Chega tarde, senhor.—Eu sei bem o que faço, lavro uma sentença de morte. Embora! Vosso sangue não ha de unir-se com o meu sangue.
(Quadro. Cde o panno.)

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

INDEPENDENCIA OU MORTE!

ACTO III.

Um *pouso* na estrada de Santos. O *theatro* é dividido em duas partes, representando á *E.* do espectador uma taberna com balcão, bancos, &c. e duas portas, uma no fundo, dando para a estrada, outra que communica com o interior da casa : á *D.* uma salinha, com trastes usados, e grandes estampas de batalhas, pregadas ás paredes ; uma janella ao fundo. Porta na parede de divisão.

SCENA I.

Á *D.* AYRES, DORMINDO COM O ROSTO ENCOBERTO. Á *E.* MEN
DONÇA, JUNTO AO BALCÃO, E BRAZ ENTRANDO.

MENDONÇA.

Então como vai isso ?

BRAZ.

O arco está promptó, patrão : um arco todo feito de murta, com dous coqueiros aos lados, que parecem os batentes da porta do céu. Olhe-me cá da porta um bocadinho ; verá que maravilha !

MENDONÇA, *indo olhar.*

Optimo. O principe há gostar disso.

BRAZ.

Ora, não me paga as tardes? Olhe que o trabalho foi grande. Vamos! Um copinho da *brasileira*.

MENDONÇA, *desarrolhando uma botija*.

Ah! rapaz, cedo começa com o vício.

BRAZ.

Que se lhe há de fazer! Os Brazes todos soffrem da garganta. (*Bebe*). Ai! que pinga! Se o patrão repetisse a esmola....

MENDONÇA.

Vá para lá, velhaco. Não tenho camas desocupadas em casa.

BRAZ.

Homem! Por fallar em camas.... o moço ainda está lá dentro?

MENDONÇA.

Ainda.

BRAZ.

E dorme?

MENDONÇA.

Certamente.

BRAZ.

Assim, fidalguinho. Aposto que aquelle não sabe o que é a gente ganhar a vida. E o mais é que estou com pressa de vê-lo acordar.

MENDONÇA.

Porquê?

BRAZ.

Pois não sabe ? Berganhámos a roupa.

MENDONÇA.

Que está dizendo ?

BRAZ.

A verdade certa. E eu então que fico tão prejudicado ! Dar meu chapéu de Braga, a minha calça de todos os dias, e o meu jaléco sem botões por uma roupa fina, que está *allumiando* de nova. E' certo que está uma sopa. O sujeito pelos modos andou conversando com os peixes.

MENDONÇA.

E por isso é mudo como elles. Não lhe pude arrancar dez palavras do bucho. Deixemo-lo dormir, que isso tudo me pagará, e vejamos um pouco da banda da Ypiranga.—Nada ! Nem gente, nem poeira.

BRAZ.

E' cedo, patrão. O *homem* não passa antes das quatro horas.

MENDONÇA.

E é mau porque perdem a sêde. Ainda te lembras do que ajustámos ?

BRAZ.

Eu cá só me esqueço das dividas.—Veja bem se não é isto. Assim que apontar a comitiva, saltamos

para a estrada e nos ímos metter debaixo do arco, em risco de beijar as unhas dos cavalloš. Ora, o principe não é tão soberbo que nos queira passar por cima. Pára. Os outros fazem o mesmo. Nós então berramos que é um gosto ouvir.—Viva o principe regente!—Vinho legitimo da Madeira, e Porto superior.—Abaixo o absolutismo!—Comida fina e barata; a louça é de graça.—Viva a Constituição!—Quartos para dormir: criada bonita.

MENDONÇA.

Alto lá!

BRAZ.

Ora, bem vê que estes vivas nos hão de rrender alguma cousa. Se o principe parar, paga para beber; e senão, paga para passar.

MENDONÇA, *abraçando-o.*

Oh Braz, tu és um grande homem!

BRAZ, *com modestia.*

Deixe-me crescer primeiro. (*Chega á porta da D. e espreita*). Não se acordaria ainda!

SCENA II.

OS MESMOS E LIBERATO.

(E' um negro alto e robusto, de feições orgulhosamente ferozes. Traz a roupa em andrajos e uma grande faca á cinta. Entra silencioso, toca na aba do chapéu e vai sentar-se ao fundo, ao pé do balcão).

MENDONÇA.

Que quer ?

LIBERATO, *com voz rouca.*

Aguardente.... vinho.... sangue.... alguma cousa que atordõe, sim, senhor. *(Mendonça serve-o).*

BRAZ, *á parte.*

Ahi está uma figura que eu não quero por nada encontrar fóra de horas. E parece que pediu sangue para beber.... Ora esta ! com tanto que não seja o meu....

MENDONÇA.

Donde vem vossê, tio ?

LIBERATO.

De baixo, meu senhor. Sim.... todo branco é senhor.

MENDONÇA.

Ah ! vossê chega de Santos ? O que há por lá de novo ?

LIBERATO.

Não há nada. Mataram um homem.

MENDONÇA.

Uma morte !

BRAZ.

São Braz ! Se a conversa continúa assim, desconfio.

LIBERATO.

Senhor, bota mais cachaça aqui. Eu tenho sede. Eu tenho dinheiro. Hoje é o dia de minha liberdade.

MENDONÇA.

Prenderam o matador ?

LIBERATO, *rindo.*

Ah ! não. Liberato é ligeiro, não pesa ; branco tirou as carnes delle.

MENDONÇA.

E como foi esse crime ? Quem é esse tal Liberato ?

LIBERATO.

Ah ! senhor quer ouvir historia ? Negro vai contar. Eu conheço muito Liberato.... é outro como eu mesmo.

BRAZ, *á parte:*

Assim me está parecendo.

LIBERATO.

Liberato teve tres captiveiros.—Primeirō senhor delle era um velho muito bom. Dava esmola p'ra pobre : Liberato morria de fome. Senhor velho ouvia missa todos os dias, não sahia de igreja : Liberato trabalhava sem parar, não tinha dia-santo seu. Um dia, branco quiz fazer uma capella ; não tinha dinheiro, vendeu Liberato na fazenda. Foi mulher que comprou elle. Marido já tinha morrido. Era bonita.... bonita.... cara de anjo.... falla della era musica.—Negro apanhava todo o dia, negro comia barro p'ra não morrer de fome, negro não tinha licença de dormir. Sinhá dizia : Feitor não presta ! E sinhá ajudava feitor.—Um dia mucama quebrou o espelho grande : sinhá arrancou os olhos de mucama.

BRAZ.

Que santinha !

LIBERATO.

Liberato não pôde mais, fugiu. Foi gente atraz, e pegaram nelle. Sinhá disse : Surrem até morrer.—Liberato apanhou tres dias. Nisto chegou homem branco, homem grande, lá do Rio, e disse : Dou meu cavallo rosilho por este negro. Sinhá considerou e respondeu : Pôde levar. Liberato esperou que desatassem às cordas e foi ajoelhar ao pé de branco. Branco virou as costas. Liberato jurou não se ajoelhar nunca aos pés de homem.—Senhor novo delle tinha um filho, que gostou de moça bonita de S. Paulo, e quiz casar com ella. Senhor velho foi vêr moça, e não deu licença. Senhor moço teimou. Pai delle, então que faz ? Chama soldado,

leva filho á força p'ra Santos. Lá no Cubatão Senhor entra n'um saveiro com filho.... rema que rema.... chegou na villa. Havia duas noites que senhor não dormia. Fechou filho delle n'um quarto de cima, pôz Liberato de guarda ao pé da porta e foi-se deitar. Outro dia, quando acordou, abriu o quarto ; estava vazío. Chama Liberato.—Onde está meu filho?—Não sei, não, senhor.—Ajoelha, cão. Liberato não quiz ajoelhar. Homem pegou n'um chicote, e tornou a dizer : Ajoelha. Liberato puxou a faca e abaixou-se. Quando branco deu a primeira chicotada, Liberato estendeu o braço : senhor D. José cahiu morto. Ahi está como foi. Encha o copo, meu amo.

MENDONÇA.

E' um bom exemplo para os que são compassivos em demasia. Se o tal pateta deixasse Liberato expirar no tronco, estaria hoje com vida e saúde.

LIBERATO, *rindo atrozmente.*

E com cavallo rosilho delle, sim, senhor.

BRAZ, *de parte á Mendonça.*

Não lhe parece que o negro sabe a historia tintim por tintim ? Aposto eu em como viu tudo.

MENDONÇA.

Tens razão. Será bom dar com elle na cadêa.... mas é preciso disfarçar e não lhe negar aguardente. (*Toma o chapéu e sae*).

BRAZ.

Não há de ser precisa muita. Vejam como elle cabecêa ! Oh preto, queres beber mais ?

LIBERATO, *ébrio.*

Bota, menino. Hoje Liberato é forro.... não há de ajoelhar mais.

BRAZ.

Se não na forca.

SCENA III.

OS MESMOS, VICTORINO E LUIZA.

VICTORINO.

Adeus, Braz (*Vem dando o braço a Luiza, que se apoia nelle pállida e abstrahida*).

BRAZ, *alegre.*

Oh ! senhor Victorino ! há tanto tempó que não apparece !

VICTORINO.

Não tens por ahi um quarto, em que D. Luiza possa descansar ?

BRAZ.

A casa está á sua disposição.

VICTORINO.

Basta-me a salinha. Faz favor de me preparar uma limonada? (*Entra com Luiza á D., e não dá fé de Ayres que continúa immovel. Luiza parece acordar de profundo somno, e deixa-se cahir em uma cadeira*).

BRAZ.

Só assim poderá acordar o meu fidalgo.

LUIZA, *suspirando*.

Ai! Aonde estamos, Victorino?

VICTORINO.

Em casa de um nosso conhecido, o Sr. Mendonça... não sabe? E' preciso tomar fôlego. O sol está de abrasar e a senhora tão abatida....

LUIZA, *erguendo-se vacillante*.

Não. Eu nada tenho. Vamos!

VICTORINO, *com accento doloroso*.

D. Luiza.... espere um instante. Quer que me arrependa de lhe haver obedecido? Me diga, o que significa pôr-se a senhora a pé, nesta estrada, doente e acabrunhada como está? Aonde imos nós? Em procura de quem?—Se é do padrinho, a senhora bem sabe onde elle pára, a sua commissão está acabada, pois o principe é esperado hoje, Para que então sahir de casa, deixar a cidade? Se é por outra pessoa.... se é por causa do senhor Ayres....

LUIZA.

Sim.... e se fôr por elle ?

VICTORINO.

Se fôr por elle.... callar-me-hei então. A senhora interrogue sua consciencia, ella lhe responderà bem alto.

LUIZA, *quasi a chorar.*

Já me despreza, Victorino ?

VICTORINO.

Eu, D. Luiza ? !

LUIZA.

Eu bem ouço seu coração dizer : Que mulher leviana e indigna é esta ! Que alma vil que esquece o ultimo dos seus deveres e faz da affeição desinteressada dos seus ponte para correr á deshonorra e á perdição !—Não é assim ?

VICTORINO, *tristemente.*

A senhora nunca entendeu o meu coração.

LUIZA.

Perdão, Victorino, perdão ! Não sei o que digo.... padeço tanto ! Se era um martyrio cruel estar lá, sem Raphael para consolar-me, só e devorada de febre e de cuidados. Mais valeria morrer.... morrer caminhando sempre.... morrer mais perto de meu irmão e de Ayres. Ah ! se ao menos eu tivesse noticias.... Que estou a dizer ? Meu amigo, tem razão.... leve-me d'aqui.... salve-me....

VICTORINO.

Quer que voltemos, D. Luiza ?

LUIZA.

Não.... quero que me deixe só.

VICTORINO.

Tem razão. E' melhor esperar-mos aqui pelo padrinho, e entretanto a senhora cobrará forças. Um pouco de somno não lhe fará mal. Eu saio, para vêr quem passa na estrada. Se precisar d'alguma cousa, chame o Braz (*Passa á E. Ayres ergue-se mansamente*).

BRAZ.

Aqui está sua limonada.

LUIZA.

Quem poderá luctar com o destino ?

AYRES, *com brandura*.

Eu, Luiza.

LUIZA, *erguendo-se vivamente*.

Ayres !... Meu Deus, eu queria morrer assim (*Cõe-lhe nos braços*).

AYRES.

Que fiz eu ? Acabei talvez de mata-la.... Pois a ventura tão bem mata ? Não : é apenas um desmaio.... para que eu possa apertal-a ao seio sem

remorsos. Ah ! Luiza... como estás pállida ! que transfiguração ! Que orvalho de morte mangrou a minha linda flôr ?...

LUIZA, *tornando a si.*

Ayres ! Porque me deixaste, meu Ayres ?

AYRES.

Deixar-te, Luiza ! Não viste por ventura a mão que nos separou, e que se podia erguer para amaldiçoar-me ? E entretanto eu soube tudo arrostar, as iras de meu pai, a escuridão da noite, o mar que não se dignou tragar-me, os desfiladeiros da serra ; e aqui me tens.... amante feliz e filho maldito.

LUIZA.

Ayres !

AYRES.

Tu não me deves agradecimento, nada fiz por ti. Não vêr-te, não estremecer ao som de tua voz é superior ás minhas forças. Mil vezes antes morrer ! Quando estás commigo, Luiza, vejo o céu azulado, as restias de sol ; as aves cantam e eu sou feliz. Se estou ausente de tí.... não sei para que Deus fez o mundo.

LUIZA.

Sim, Ayres, eu o entendo. Se me pudesse explicar assim ! Queria contar-lhe qual tem sido meu soffrimento nestes tres dias. Se eu não precisasse de vê-lo ainda.... teria morrido. Somos bem desgraçados !

AYRES.

Antes, mas agora.... no céu não estava melhor.

BRAZ, á E.

D. Luiza.... parece que está doente.

VICTORINO.

E' verdade.... a caminhada lhe fez mal. Ficou descansando um pouco.

BRAZ.

Bem.... mas deixou-a só na salinha ?

VICTORINO, *impaciente.*

Ficou dormindo.

BRAZ.

Dormindo !.... mas então..... Ah ! entendo.

VICTORINO.

Quanto te devo ?

BRAZ.

Cinco réis. (*Victorino paga-lhe e sae*) Se eu pudesse espiar um pouco áquella porta.... veria cousas engraçadas. Nada de asneiras, e trabalhar !

SCENA IV.

AYRES E LUIZA.

AYRES.

Luiza !

LUIZA.

O que é? Porque me acorda deste sonho?

AYRES.

Não queres que te deixe só? Precisas talvez de repouso.

LUIZA.

Não.... não preciso.... estou tão bem! As minhas lagrymas ainda correm, e já quer deixar-me.... Ingrato! Não consinto que se vá.... temo tanto tornal-o a perder!... Ayres, não falle mais nisso.... fique....

AYRES.

Meu coração não pede outra cousa e todavia.... é inevitavel a nossa separação. Ai! daqui a meia hora Victorino te virá buscar.

LUIZA.

Não o acompanharei.

AYRES.

E quando chegar teu irmão?...

LUIZA.

Que chegue.... Ah! elle diz isto para me affigir mais.... Ainda que Raphael me amaldiçõe.... ouve bem?... eu não lhe obedecerei. Não hei de, não! Ayres, se me ama.... não me abandone.... só sua presença me dará forças para resistir.

AYRES.

Meu anjo.... que direitos tenho eu para exigir tanto?... mas se tu me comprehendesses....

LUIZA.

Escute, Ayres. Eu sei bem quanto lhe devo.... quanto por mim quiz sacrificar. O affecto de seu pai; seu orgulho de familia; as graças e a riqueza de tantas mulheres.... tudo.... até a honra.... não é certo que se deshonorava casando commigo? — E que tenho eu para dar-lhe em troca de isso tudo? meu amor só. Pois bem!... eu lh'o dou e quero que me agradeça.

AYRES, *ajoelhando.*

De joelhos, Luiza.

LUIZA.

Raphael disse-me tanta cousa que não sei entender. Se amo, porque não hei de dizel-o? Sou sua esposa; porque não hei de lhe pertencer?

AYRES, *erguendo-se.*

Posso eu contradizer-te, Luiza? Sim, fóra do amor tudo é vaidade. Espera-me aqui.... em breve

partiremos.... Vou apromptar dois animaes para nos conduzirem. Lembra-me ter visto na mangedoura um bonito cavallo branco: será para ti. Estás prompta a acompanhar-me.... não é assim?... tu o disseste. Mas Victorino:.... elle está á tua espera.... se descobrir nossos projectos de fuga, ha de oppôr-se sem duvida. Vou sahir por esta janella.... Ah! eil-o ahi fóra.—Chega agora o dono da casa.... vou fallar-lhe. Até já, Luiza; não desanimes.

LUIZA.

D'aqui a pouco estarei prompta. Volte logo. (*Concerta a roupa, etc.*)

SCENA V.

OS MESMOS E MENDONÇA.

MENDONÇA.

Muito bem!... o nosso *canhembora* não se arredou do lugar. Já lhe deixei arranjada na cidade casa de graça. Não tarda ahi a escolta.

AYRES, á E.

Senhor!...

MENDONÇA.

Que manda?

AYRES.

Não tem um cavallo para vender?

MENDONÇA.

Tenho dois.

AYRES.

Melhor. São meus. Faça o favor de vir entregarm'os, que preciso delles já.

MENDONÇA.

Prompto. Oh! Braz, já sabes o que tens a fazer?... Vê que os soldados façam despeza....-e que a paguem.

BRAZ.

Deixe por minha conta. (*A Ayres.*) Meu amo, a minha roupa.... quero dizer, a sua roupa está lá dentro. (*Sahem Mendonça e Ayres.*) Oh! foi uma verdadeira pechincha. O panno é bom e não está rasgado.

LUIZA.

Meu Deus, sinto que me falta o animo! (*Cáe sobre uma cadeira, e esconde o rosto nas mãos.*)

SCENA VI.

LUIZA, BRAZ, UM CABO, E QUATRO SOLDADOS.

O CABO, *da porta.*

Psiu!

BRAZ.

Pódem entrar, camaradas.

O CABO.

Aonde está o fulano ? Será este ?... (*Indica Liberato adormecido.*)

BRAZ.

Sem tirar, nem pôr.

O CABO.

Está me fazendo pena. Vejam como está avinagrado, e a roncar que nem um bispo ! Oh lá, rapazes, qual de vossês quer carregar esse b^ãril de cachaça ?—Nenhum ?...

UM SOLDADO.

Eu, Sr. cabo. Deixe primeiro tomar-lhe o pezo. Aposto que este tratante não traz passaporte....

BRAZ.

Ah ! malandro ! está-lhe fazendo cócegas nas algibeiras. (*Liberato desperta, e ergue-se impetuosamente. Os soldados recuam.*)

O CABO.

Está preso. Camaradas, sentido com a porta ! não o deixem fugir.

LIBERATO.

Preso !... Quem quer me prender ? !...

O CABO.

Eu, se fôr do seu gosto. Foi denunciado á Jus-

tiça, por haver feito uma brincadeira.... lá por Santos.... não é isto ?

LIBERATO.

Preso.... entrar na cadêa.... forca depois.... Não, caminho é comprido.... quero outro mais curto. (*Desembainha a faca.*)

O CABO.

Não se entrega?... Cheguem, amigos.... agarrem-n'o, e se resistir....

LIBERATO.

Espera, branco. Vê esta faca ? ainda tem sangue.... mas preto não quer mais defender a vida. Fui eu que matei Sr. D. José, e o meu nome é.... Liberato. (*Fere-se e cae morto. Horror nos soldados.*)

O CABO.

Oh ! diabo ! Quem esperava por esta brincadeira ? Que pressa teve elle !

UM SOLDADO.

Poupou uma corda á Justiça.

O CABO.

E talvez alguns arranhões á tua pelle. A diligencia está feita. Ponham-se em marcha. (*Vai a sahir ; Braz corre a detel-o.*)

BRAZ.

Então, Sr. cabo, não gasta alguma cousa ?

O CABO.

Agora não póde ser. (*Baixo a Braz.*) Não vêes que somos cinco ? Espera, meu rapaz : eu volto logo.... só. (*Alto.*) Vamos, gente. Arrastem isso. (*Sáe com os soldados, levando o cadaver.*)

SCENA VII.

BRAZ, AYRES E MENDONÇA.

MENDONÇA.

Os cavallos são bons. Ficam-lhe quasi de graça. Não se ha de arrepender do negocio.

AYRES.

Dê-me a conta do que devo, que não me posso demorar muito. E' verdade.... não ha outro caminho para sahir na estrada ?

MENDONÇA.

Ha outro, aqui por dentro. Encurta bastante. (*Ayres entra á D.—Mendonça senta-se ao balcão para escrever.*) Braz, dá-me papel e tinta. Esqueci-me de perguntar-lhe o nome. Que vá.... Francisco José Penna.

BRAZ.

Não lhe vai deixar uma só.

LUIZA.

Pois já ?...

AYRES.

Vamos, Luiza, não ha tempo a perder. Que fazes ? Aqui está o teu chapéo.... toma o xale.... apressa-te.

LUIZA.

Ayres, o coração bate-me tanto.... não é uma accção má que imos commetter ?

AYRES.

Que, Luiza ! Já te arrependes do passo que vais dar ? Que é feito do teu amor, e da tua resolução ?

LUIZA, *desatando o pranto.*

Ayres....

VICTORINO, *fóra.*

D. Luiza.... elle abi chega.

AYRES.

E' Victorino.... Oh ! meu Deus, que tudo se vai perder !

LUIZA, *erguendo-se.*

Não, Ayres.... eu já estou prompta. Aonde quer que eu vá ? diga....

AYRES.

Segue-me. Ah ! a minha bolsa que eu esquecia.... Vamos agora. (*Dá-lhe o braço, e dirigem-se á E.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS E RAPHAEL.

RAPHAEL, *fóra.*

Ella está aqui, Victorino? (*Entra precipitadamente pela E., como quem chega de longa marcha, e vai direito a Mendonça.*) O príncipe vai passar.... (*Atira ao balcão um punhado de moeda.*) Tomem isto.... e não se esqueçam de gritar: Independencia ou morte!

MENDONÇA.

Ouves, Braz?... corramos ao arco. Deixa o dinheiro rolar, avarento! (*Saem ambos correndo.*)

SCENA IX.

RAPHAEL, AYRES E LUIZA.

LUIZA, *á E.*

Ah! Ayres, o amor que eu lhe tenho deve ser bem grande....

RAPHAEL, *correndo para Luiza.*

Minha irman.... (*Ao tomal-a nos braços, vê Ayres, repelle Luiza com indignação e pasmo, e recua violentamente.*) Ah!

LUIZA, *cahindo de joelhos.*

Perdão.... Raphael!

AYRES, *aniquilado.*

Elle !... elle aqui !...

RAPHAEL, *com frieza.*

Senhora.... perdôe-me.... não a conheço. Vinha de fóra, aqui está tão escuro.... enganei-me.

LUIZA.

Meu irmão....

RAPHAEL, *desdenhoso.*

Engana-se igualmente : eu já não tenho irman. (A Ayres, dando um passo.) Que vinha aqui fazer, Sr. Saldanha ?

AYRES, *mostrando Luiza.*

Leval-a commigo, ou morrer.

RAPHAEL.

Leval-a comsigo.... nada mais justo. Tem provavelmente direitos sobre ella ; e eu, quando ainda os tivesse.... não os quereria sustentar. (Rindo com amargura.) Ha ! ha ! ha ! Cuida que eu os embargarei ? que arrancarei os cabelles, e me atravessarei na porta ?... Oh ! não ! Que tenho eu com isso ? Um passeio ao luar.... com uma bella amante ao lado.... é cousa que a ninguem se prohibe. Não valia a pena apear-me para vêr essa bagatela. Senhora, pôde passar.

LUIZA.

Mano, mate-me.... mate-me antes.... mas não me falle assim.

RAPHAEL.

Matal-a.... Para que? Seria uma brutalidade sem motivo. Uma noite.... não faz muito tempo isso.... haverá quem se lembre.... suspeitei que o meu amor só não bastava a minha irman, e estive a ponto de commetter um crime. Hoje, vejo-a des-honrada.... e vou-me embora. (*Dá alguns passos para sahir, e volta-se repentinamente. Prorompendo.*) Meu Deus!... e sou forçado a amaldiçoar este dia!... Luiza, que fizeste?... Aonde estava o teu anjo da guarda? Não te lembraste de mim? não te lembraste de nossa mãe?—Desgraça! desgraça!—Eu ardia de impaciencia de vêr-te, guardava para ti mil beijos, mil consolações.... e tu abandonavas-me.... Luiza!

LUIZA.

Perdão!

RAPHAEL.

Não, não posso perdoar-te.... porque não te posso punir. Pensas que é a elle que odeio e detesto?... não! é a ti, a tí sómente. Que é Ayres de Saldanha a meus olhos? um extranho, um filho de outra patria, uma vida que ha de cessar quando eu quizer. Mas tu, Luiza!... tu, minha irman!...

LUIZA.

Perdão para elle!

RAPHAEL.

Nunca! São baldadas as tuas supplicas. Roja! roja, miseravel! satisfaze a tua natureza. As mulheres são viboras.

AYRES.

Ergue-te, Luiza.... Pedir por mim é degradar-me.

RAPHAEL.

Que disse elle? Parece que o infame ainda se atreve a provocar-me!... Cuidado, Saldanha.... ou verás como a esmago diante dos teus olhos.

AYRES, *pondo-se de permeio.*

Mata-me antes, Proença!

RAPHAEL.

Desgraçado!

AYRES, *erguendo Luiza.*

Ergue-te, Luiza; não fraquêes. Lembra-te que me amas, e que te amarei o dobro dos affectos que podes perder. Teu irmão te repelle.... eu tambem fui amaldiçoado por meu pai.

SCENA X.

OS MESMOS E VICTORINO.

VICTORINO.

Já não tem pai, senhor.

AYRES, *admirado.*

Que dizes ?

RAPHAEL.

D. José....

VICTORINO.

O Sr. D. José foi assassinado por um escravo, que elle julgava ter favorecido a fuga de seu filho. (*Raphael medita.*)

AYRES.

Assim, fui eu que o matei.... foi a minha mão que descarregou-lhe o golpe!—Vês tu, Luiza? o meu destino é este.... Foge de mim! Eu sou um ente maldito.... cujo contacto tudo mancha e infelicita. Oh! Luiza, que futuro eu sonhava!... e que existencia é esta!

RAPHAEL, *gravemente.*

Escuta, Saldanha. Deus acaba de tirar-te os bens mais estimaveis da vida. Da tua familia resta só uma sepultura ensanguentada. Esta terra que pisas já te não conhece; é uma terra livre, que te rejeita com suas faixas de escravidão. Nem patria, nem familia....

AYRES.

Acaba, tirando o que Deus me deixa.

RAPHAEL.

Quando tinhas tudo isso, eras para mim um ini-

migo. Hoje, que nada tens, extendo-te a mão, e digo-te: Queres acceitar a minha patria, e a minha familia?

AYRES, *maravilhado.*

Que vens a dizer?

RAPHAEL.

Dá-me a tua mão, Luiza. Hoje é o dia do Ypiranga e da felicidade.—Ayres de Saldanha, queres ainda ser meu irmão?

LUIZA, *com um grito de jubilo.*

Raphael! eu devo-lhe a vida.

AYRES.

Irmão! tu és grande como Deus. (*Abração-se estreitamente.*)

RAPHAEL, *commovido, tentando desembaraçar-se.*

Basta.... Que é isto? Querem estrangular-me em agradecimento do que fiz? (*Tropear de cavallos, tinir de espadas, vozes fóra.*) Ouvem?...

MENDONÇA, BRAZ, ETC., *fóra.*

Independencia, ou morte! (*O Principe e seu sequito atravessão o fundo do theatro.*)

VICTORINO.

E' Sua Alteza que chega.

RAPHAEL, *grave e descobrindo-se.*

Descubram-se, filhos.... E' o Brasil que passa.

VOZES DO SEQUITO, *fóra.*

Independencia, ou morte! (*O ruido afasta-se ;
cáe o panno.*)

FIM DO DRAMA.

ERRATA

| PAG. | LIN. | ERROS | EMENDAS |
|-------|------|------------------------|--------------------|
| ✕ 7 | 9 | MILITAR. | D. José. |
| ✕ 12 | 22 | Pompilios. | Popilios. |
| ✕ 20 | 23 | Aqui o meu | Aqui tem o meu |
| ✕ 45 | 15 | dever | devem |
| ✕ 52 | 16 | acompanhar | acompanhando |
| ✕ 60 | 16 | tinguijadas. | tinguijadas. |
| ✕ 62 | 9 | titia ? | titia. |
| ✕ 81 | 5 | braço | rosto |
| ✕ 84 | 19 | não é uma prostituta ! | não se vende ! (*) |
| ✕ 93 | 2 | Porquê. | Porquê ? |
| ✕ 104 | 2 | estava | estaria |
| ✕ 109 | 9 | baril | barril |

(*) Isto é para não excitar os biócos de certos espectadores, que se arripiariam ouvindo o brutal « whorse » de Othello, e que applaudem todavia as Revoltas, as Lusbelas, e a demais caterva realista. A cousa é sempre a mesma ; o nome é que tem variado.

